

Do Jornalismo à Curadoria de Dados: Desafios, riscos e oportunidades

Dissertação de Mestrado em Gestão e Curadoria da Informação

Ruhani Maia Gama,
Do Jornalismo à Curadoria de Dados:
Desafios, riscos e oportunidades ,
2021

Agosto, 2021

**Do Jornalismo à Curadoria de Dados:
Desafios, riscos e oportunidades**

RUHANI MAIA GAMA

Dissertação de Mestrado em Gestão e Curadoria da Informação

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA PAULA ALEXANDRA OCHÔA DE CARVALHO TELO

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Mestre em Gestão e Curadoria da Informação, realizada sob a orientação científica da
Professora Doutora Paula Alexandra Ochôa de Carvalho Telo

Dedicado à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ter iluminado meu caminho de chegada até Portugal, e ter me dado sabedoria e serenidade para terminar o mestrado.

Agradeço também à minha orientadora, Professora Doutora Paula Ochôa, por ter acreditado em mim, e por toda compreensão, instrução e paciência durante essa empreitada.

Agradeço, especialmente, à minha família, por ter me apoiado e me acompanhado na decisão de vir para Lisboa fazer este mestrado, e por enviar todo amor e força necessários para que eu cumprisse com este objetivo.

Por fim, gratidão aos amigos que, direta ou indiretamente, me deram suporte para que o término do mestrado e desta dissertação fosse uma realidade, e àqueles que sempre me motivaram, seja no período das aulas do mestrado ou durante o desenvolvimento da tese.

Toda trajetória, do início do mestrado até aqui, com seus altos e baixos, idas e vindas, lágrimas e sorrisos, será inesquecível.

Obrigada, obrigada!

RESUMO

O jornalismo tem passado por transformações perceptíveis para quem acompanha a profissão. Como a tecnologia está em constante evolução, acredita-se que essas mudanças da atividade jornalística tenham relação com os avanços tecnológicos emergentes no meio social. Diante disso, questiona-se: como foi a transição do jornalismo tradicional para o jornalismo de dados no Brasil e em Portugal? É importante considerar que a transição do jornalismo tradicional para o jornalismo de dados ilustra exatamente as transformações percebidas, e pode ser resumida em “processo de transição do jornalismo”. Já o interesse por Brasil e Portugal se sustenta, entre outras coisas, no fato de os dois países terem a mesma língua, a língua portuguesa. A partir dessas explicações, definiu-se três objetivos - identificar a posição do jornalismo e o contexto da profissão antes, durante e depois da transição; caracterizar esse processo nas realidades de Brasil e Portugal, e reconhecer a importância da curadoria de dados para a prática jornalística - a fim de responder a tal questão e métodos como a Revisão Tradicional de Literatura e Revisão Sistemática da Literatura, que contribuíram com a orientação da pesquisa. O resultado, nesse caso, é que o processo de transição do jornalismo começou quando a profissão se uniu à internet, consolidando mais tarde o ciberjornalismo, e ocorre até os dias de hoje, com a evidência do jornalismo de dados, pois a atividade jornalística está em contínua adaptação, reinvenção e acompanhamento das inovações. Diversas ideias e conceitos representam essas mudanças, sobretudo se considerado o contexto do Brasil e de Portugal, e reforçam que o jornalismo seguiu esse mesmo caminho nos dois países. Por fim, vale ressaltar a curadoria de dados como parte da prática do jornalismo de dados, e como elemento fundamental para a garantia de informação e conhecimento para a sociedade por meio da atividade jornalística.

Palavras-chave: jornalismo; transição; jornalismo de dados; curadoria de informação; Brasil; Portugal.

ABSTRACT

Journalism has undergone noticeable changes for those who follow the profession. As technology is in constant evolution, it is believed that these changes in journalistic activity are related to technological advances emerging in the social environment. Therefore, the question is: how was the transition from traditional journalism to data journalism in Brazil and Portugal? It is important to consider that the transition from traditional journalism to data journalism illustrates exactly the perceived transformations, and can be summarized as “journalism transition process”. The interest in Brazil and Portugal is based, among other things, on the fact that the two countries have the same language, the Portuguese language. Based on these explanations, three objectives were defined - to identify the position of journalism and the context of the profession before, during and after the transition; characterize this process in the realities of Brazil and Portugal, and recognize the importance of data curation for journalistic practice - in order to answer this question and methods such as the Traditional Literature Review and Systematic Literature Review, which contributed to the orientation of the search. The result, in this case, is that the journalism transition process began when the profession joined the internet, later consolidating cyberjournalism, and it continues to this day, with the evidence of data journalism, as the journalistic activity is in continuous adaptation, reinvention and monitoring of innovations. Several ideas and concepts represent these changes, especially considering the context of Brazil and Portugal, and reinforce that journalism has followed the same path in both countries. Finally, it is worth emphasizing data curation as part of the practice of data journalism, and as a fundamental element to guarantee information and knowledge for society through journalistic activity.

Keywords: journalism; transition; data journalism; information curation; Brazil; Portugal.

ÍNDICE

1. Introdução.....	9
2. O Jornalismo, a Internet e o Ciberjornalismo.....	12
2.1 Características do Ciberjornalismo.....	16
2.2 Consequências do Ciberjornalismo.....	21
2.3 De olho na tecnologia: a chegada do Jornalismo de Dados.....	26
2.4 Conceitos.....	33
3. Metodologia.....	37
3.1 Como tudo começou: revisão tradicional da literatura.....	37
3.2 Rigor e precisão na pesquisa: revisão sistemática da literatura.....	40
3.2.1 Revisão sistemática na prática: resultados.....	45
4. Transição do jornalismo - Brasil e Portugal em foco.....	55
4.1 Brasil: como tudo aconteceu no Jornalismo.....	57
4.2 Transição, jornalismo e Portugal: conhecendo o processo.....	68
5. Conclusão.....	81
6. Bibliografia.....	87

1. Introdução

Quem observa o jornalismo nos moldes de hoje, seja pelo jornal impresso, rádio ou televisão, ou pela internet e seus elementos, não deve imaginar como foi o caminho que levou a profissão até esta realidade. Em meio a desafios, riscos e oportunidades, a atividade jornalística tem passado por um processo de transição que a aproxima ainda mais da tecnologia (Esteveanim, 2016), posicionando-a de modo a estar em sintonia - ou o mais perto disso - com as demandas do mundo e da sociedade.

Antes de falar sobre esse processo, é importante reconhecer o contexto que o originou. A Revolução Industrial, junto aos avanços tecnológicos, faz parte disso. Se for abordada a partir de um conceito geral, a Revolução Industrial pode ser considerada como um acontecimento que trouxe à tona novas tecnologias e novas formas de se perceber o mundo, desencadeando uma alteração profunda nas estruturas sociais e nos sistemas econômicos (Schwab, 2019). Paralelo a esse conceito está o avanço da tecnologia, que, mediante à tal evolução, viabilizou o surgimento não só dos computadores como da rede que se desenvolveu entre eles: a internet (Lévy, 1999).

E é a partir da internet que o jornalismo dá os primeiros passos rumo à transição (Bastos, 2012). Tendo como essência a comunicação, a prática jornalística encontrou na rede mundial de computadores uma potencial transmissora de mensagens, que não só a influenciou como também impactou a sociedade e seu meio.

Pierre Lévy (1999) considera esse momento da tecnologia e da internet como formador de um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, bem como um novo mercado de informação e conhecimento - ideia que, por sua vez, ele concentra no termo ciberespaço.

Se por um lado há o ciberespaço, por outro há a influência sofrida pelo jornalismo. Resultado: surge o ciberjornalismo, que, tem como base o jornalismo considerado tradicional - ou seja, que tem como veículos o jornal impresso, o rádio e a televisão - e se consolida junto a ele trazendo características que o tornam único, com um novo paradigma; ou, como define Fernando Zamith (2011), um novo jornalismo.

As consequências também são marcas importantes do ciberjornalismo. O reflexo dessa novidade sobre a estrutura da profissão deu abertura para o que alguns chamam de crise do

jornalismo (Kaltenbrunner, 2018). Independentemente de como é chamado, esse período apresenta pontos críticos, mas, em meio ao contínuo avanço da tecnologia, a prática jornalística conseguiu tomar fôlego e se estabelecer no meio digital (Estevanim, 2016).

No seguimento da transição, tem-se nesse novo - ou porque não atual - contexto o jornalismo de dados. Mayanna Estevanim (2016) ressalta que é nesse momento que o jornalismo converge com diversos campos significativos, assumindo um processo produtivo cada vez mais importante para as práticas jornalísticas digitais, como o da pesquisa investigativa, estatística, de design e programação. Acrescenta-se aí a sua crescente ligação à curadoria de dados, razão pela qual esse tema será estudado.

Tendo em vista o caminho percorrido pelo jornalismo da era tradicional à era digital, prevalece o questionamento de como, de fato, tudo isso aconteceu ou tem acontecido. Portanto, apresenta-se a seguinte questão de investigação: Como foi a transição do jornalismo tradicional para o jornalismo de dados no Brasil e em Portugal?

Vale pontuar que a escolha de Brasil e Portugal para delimitação da pesquisa tem duas justificativas: a língua portuguesa, que é comum entre os dois países e é elemento fundamental da comunicação, essência da prática jornalística; e a relação da autora deste estudo com ambos, uma vez que morou no Brasil pouco mais de 30 anos e agora vive essa experiência em Portugal.

Nesse sentido, salienta-se também três objetivos que poderão guiar e contribuir com o entendimento da questão mencionada:

- 1- Identificar a posição do jornalismo e o contexto da profissão antes, durante e depois da transição;
- 2 - Caracterizar esse processo nas realidades de Brasil e Portugal;
- 3 - Reconhecer a importância da curadoria de dados para a prática jornalística, uma vez que tal curadoria é inerente à profissão e se tornou peça fundamental na construção do jornalismo que se tem hoje.

A metodologia, que pode ser considerada engrenagem desta pesquisa, está dividida em duas etapas. Como em sua primeira parte o trabalho recorre a uma descrição histórica até chegar ao encontro do jornalismo com a internet, o método escolhido foi a Revisão Tradicional da Literatura, que, de forma simples e abrangente, facilitou o desenrolar inicial do estudo.

Para complementar essa revisão, optou-se pelo uso da Revisão Sistemática da Literatura. A razão da escolha desse método foi não só a exigência de uma sistematização das evidências identificadas, como também a confiança que ele garante ao autor da pesquisa e ao pesquisador, uma vez que viabiliza a aquisição de um resultado de seleção criteriosa, precisa e específica, sendo assim fiel ao assunto abordado.

E por falar em abordagem, a dissertação - *Do Jornalismo à Curadoria de Dados: desafios, riscos e oportunidades* - está dividida em seis capítulos. O primeiro, que é este a ser apresentado, traz a introdução ao tema estudado. O segundo, dividido em quatro partes, explora de forma mais clara e explicativa o que foi mencionado na introdução, de modo a expressar por completo como se deu o início do processo de transição do jornalismo.

Já no terceiro capítulo tem-se a revisão sistemática: primeiramente, haverá uma descrição, pontuando o que deve ser feito quando se utiliza esse método; depois, conta-se com uma explanação de como a revisão sistemática deste trabalho foi feita, e como ela contribuiu para enriquecer o estudo proposto. No quarto capítulo, a pesquisa detalha o resultado da revisão sistemática, trazendo, de um lado, as evidências sobre Portugal em meio à transição do jornalismo, e, de outro, como está o Brasil na relação com este mesmo processo. Por fim, encerra-se a pesquisa com a conclusão e considerações finais acerca do caminho percorrido pelo jornalismo até a posição que a profissão ocupa hoje no mundo e na sociedade.

2. O Jornalismo, a Internet e o Ciberjornalismo

A explicação sobre como se deu o processo de transição do jornalismo requer o reconhecimento de que tudo começou quando a profissão se uniu à rede mundial de computadores, com o intuito de difundir a prática jornalística (Zamith, 2011).

É importante reconhecer também que, antes desse processo, e, principalmente, antes do surgimento da internet, alguns fatos que marcaram a história da humanidade contribuíram para que isso (a internet e a transição) acontecesse.

E que fatos são esses?

A primeira, a segunda e a terceira Revolução Industrial, que, ao concentrarem características significativas da relação entre o homem e o meio em que ele viveu em cada momento, permitem o entendimento de como o mundo estava quando a internet se juntou ao jornalismo.

Klaus Schwab (2019) detalha a Revolução Industrial a partir do conceito de “revolução”. Segundo ele, a palavra denota mudança abrupta e radical. E foi o que realmente ocorreu, pois, em cada fase, as condições de trabalho e o estilo de vida das pessoas foram modificados.

Na Primeira Revolução Industrial, por exemplo, a produção artesanal - também chamada de manufatura - deu lugar à produção mecânica. Tal fase, iniciada na segunda metade do século XVIII, foi marcada pela invenção da máquina a vapor, usada posteriormente na indústria têxtil e de transporte, com as locomotivas (Schwab, 2019). Ou seja: a produtividade aumentou, pois, em vez de ser garantida por braços e músculos, a energia necessária para as atividades contavam com motores a vapor. Isso impactou não só o sistema de trabalho como a economia e a dinâmica da sociedade da época¹.

A Segunda Revolução Industrial despontou logo depois da primeira, e deu continuidade às mudanças. Ela começou no final do século XIX, sendo palco da descoberta da eletricidade e da produção de linha de montagem. Assim, viabilizou a produção em massa (Schwab, 2019; Santos, 2019), acelerando o ritmo de produção e dando abertura para a conquista de novos mercados. Foi nessa fase, inclusive, que Henry Ford² alavancou a indústria automobilística,

¹ Informação de apoio disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolucao_Industrial

² Informação de apoio disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Henry_Ford

inaugurando o fordismo.

Por fim, tem-se a Terceira Revolução Industrial³. Foi nesse período, a partir de meados do século XX, que a tecnologia avançou, influenciando não só o sistema produtivo como a vida da população, em geral. Além da automação da produção, que dispensou a intervenção humana e passou a usar robôs, o destaque dessa fase foi a revolução digital e do computador. Tal acontecimento foi posteriormente acompanhado pelo surgimento da internet (Schwab, 2019; Santos, 2019), e assim fomentou a transição que está a ser explanada na presente pesquisa.

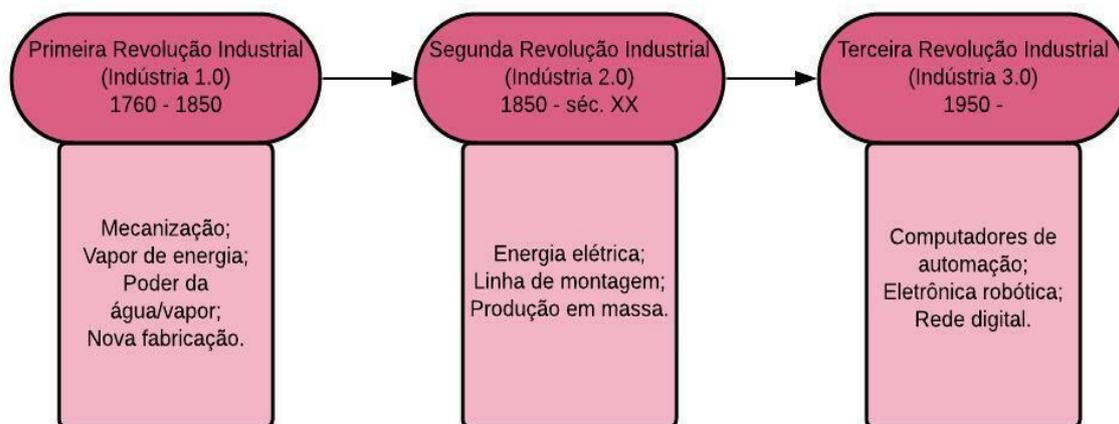


Figura 1: As três etapas da Revolução Industrial (Santos, 2019)

Observa-se que, ao apresentar a Terceira Revolução Industrial, o diagrama acima não informa a data final dessa fase. Isso porque há quem diga que ela perdura até os dias de hoje, sem previsão de acabar. Klaus Schwab (2019), no entanto, defende que a Terceira Revolução Industrial já foi substituída pela Quarta Revolução Industrial, ou Indústria 4.0, fase que estaria a vigorar até então. “Estou bastante ciente de que alguns acadêmicos e profissionais consideram que essas inovações são somente mais um aspecto da Terceira Revolução Industrial. Três razões, no entanto, sustentam minha convicção da ocorrência de uma quarta - e distinta - revolução” (Schwab, 2019 : 16).

Segundo Schwab (2019), a Quarta Revolução Industrial tem como características a velocidade,

³ Informação de apoio disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolucao_Industrial

pois evolui em um ritmo exponencial e não linear; a amplitude e profundidade, uma vez que promove mudanças de paradigmas na economia, nos negócios, na sociedade e nos indivíduos; e o impacto sistêmico, pois envolve a transformação de sistemas inteiros entre países e dentro deles, em empresas, indústrias e na sociedade.

Sandro Santos (2019) também defende essa ideia, ressaltando que a Quarta Revolução Industrial está em desenvolvimento há algum tempo, sendo a junção de várias inovações e tecnologias. E, entendendo que essa etapa possui o nível mais alto no quesito tecnologia, este estudo vai considerar e explorar todas as suas características - mas isso será feito somente na terceira parte do capítulo.

Retomando a explicação sobre a Revolução Industrial, a etapa que merece maior concentração é a terceira, pois é ela que impulsiona o uso do computador e, posteriormente, contribui para o surgimento da internet. Tal advento ocorreu em 1969, durante a Guerra Fria, nos Estados Unidos. À medida que foi sendo utilizada, a rede adquiriu uma dimensão cada vez maior na sociedade, tornando-se popular, e ficando assim inerente à vida do homem e do meio em que ele vive (Silva, 2006).

Pedro Jerônimo (2015) realça o crescimento e relevância adquirida pela internet com o passar dos anos, classificando-a como motor da nova economia, e comparando-a com a eletricidade que surgiu na era industrial. “Uma das inovações que registra o processo de assimilação mais rápido de sempre foi a Internet” (Jerônimo, 2015 : 31).

As pessoas e os lugares sentiram o impacto desse crescimento, passando, conseqüentemente, por um processo de transformação. Segundo Pierre Lévy (1999), o computador deixa de ser um e passa a ser um entre vários outros, sem contorno, e assim é construído o que ele define como ciberespaço.

O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (telecomunicação, telepresença) e da coincidência dos tempos (comunicação assíncrona). Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Com o Correio (ou a escrita em geral), chegamos a ter uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e à distância. Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários. (Lévy, 1999 : 49)

Com base na ideia de Pierre Lévy (1999), pode-se considerar o ciberespaço como espaço - como o próprio nome apresenta - aberto, marcado por características virtualizantes e desterritorializantes, que influenciam diretamente a dinâmica da economia e da sociedade.

Abordar a economia e a sociedade nesse contexto leva a mais um conceito definido por Pierre Lévy (1999): o de cibercultura. Segundo ele, a cibercultura é a mutação fundamental da própria essência da cultura. O conceito reflete ainda o universal sem totalidade; ou seja, a presença virtual da humanidade para si mesma (universal) e a unidade estabilizada do sentido de uma diversidade (totalidade). “A cibercultura mantém o universal ao mesmo tempo que dissolve a totalidade. Tende a formar uma única comunidade mundial ainda que ela seja desigual e conflitante” (Lévy, 1999 : 249).

O entendimento manifestado por Pierre Lévy sobre o impacto da internet no meio social abre caminho para a identificação do início do processo de transição do jornalismo. Isso porque a partir do momento que a rede passa a fazer parte da sociedade, ela influencia profissões, como o jornalismo, promovendo assim uma série de mudanças na prática jornalística.

Vale lembrar que essa influência ocorreu, como expressa Fernando Zamith (2011), quase que instintivamente. Segundo ele, o surgimento, expansão e popularização da internet provocou essa adesão; o jornal impresso, o rádio e a televisão passaram a utilizar a rede para difundir o trabalho, e então foram designados como “meios tradicionais” de difusão do jornalismo. “A imprensa, a rádio e a televisão perceberam que tinham na internet uma forma adicional de chegar às suas audiências e de, eventualmente, conquistar novos públicos e novas receitas, usando-a como suporte alternativo para difusão da sua produção” (Zamith, 2011 : 19).

Apesar de num primeiro momento o jornalismo ter limitado a internet à difusão da produção, a rede continuou se estabelecendo e crescendo de forma cada vez mais sólida. Com o passar dos anos, a soma da prática jornalística com a internet teve como resultado a transformação da profissão e de tudo que a envolve, legitimando-a como um jornalismo de diversas novas características, ou, melhor dizendo, um novo jornalismo.

A adoção da Internet por parte do jornalismo levou a diversas transformações nos meios e na produção, o que motivou o aparecimento de diversos estudos nos últimos cerca de 20 anos. O produto (notícias), os meios e os produtores têm sido os principais objetos de estudo. As implicações mais significativas, sobretudo aquelas que se consolidam e que não são apenas fruto de um efeito imediato, só ao longo do tempo são possíveis de aferir. Simultaneamente, foram surgindo conceitos associados a este novo jornalismo, como jornalismo eletrônico, jornalismo em rede ou na rede, jornalismo multimídia, webjornalismo, jornalismo online, jornalismo digital,

Como o próprio Pedro Jerônimo (2015) descreve, o jornalismo vinculado à internet, ou novo jornalismo, foi “batizado” com vários nomes: jornalismo eletrônico, jornalismo em rede (ou na rede), jornalismo multimídia, webjornalismo, jornalismo online, jornalismo digital, jornalismo hipermídia ou ciberjornalismo. Todos eles manifestam a junção da prática jornalística à rede de forma semelhante; no entanto, seguindo a nomenclatura usada pelos autores estudados, esta pesquisa vai considerar apenas o termo ciberjornalismo.

Uma vez definido o termo, é importante definir também o conceito de ciberjornalismo. De acordo com Fernando Zamith (2011), Ramón Salaverría o reconhece como “especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos”. E ainda sob a luz da ideia de ciberjornalismo como um jornalismo de novas características, distinto dos meios tradicionais, Zamith (2011) ressalta que, além dos atributos únicos, a internet garante à prática jornalística “uma atenção especial” e “linguagens diferentes”, bem como potencializa uma “fragmentação da produção e do consumo nunca antes vista”.

Assim como Fernando Zamith, Helder Bastos e Pedro Jerônimo também salientam esse novo perfil do jornalismo. Bastos (2012), por exemplo, afirma que a emergência do ciberjornalismo proporcionou à profissão a “exploração de novos territórios e diferentes linguagens” e impulsionou “novos modos de estar e de fazer nas redações”. Já Jerônimo (2015) complementa, sustentando que as mudanças nas redações ocorreram “tanto ao nível dos profissionais envolvidos como na própria cultura”.

2.1 Características do Ciberjornalismo

Novo modelo comunicativo. Novos participantes, novos produtores de informação e opinião. Novas linguagens, novas narrativas convergentes, novas formas de recuperação e reutilização da informação (Zamith, 2011). É em meio à essa mistura de novidades que o ciberjornalismo se forma e se consolida, dando os primeiros passos no processo de transição.

Mesmo sendo um volume de mudanças e de novos atributos, o conjunto de modelos, regras e práticas do jornalismo acabaram sendo “aceitos”, sendo assim normalizados na dinâmica da

sociedade (Bastos, 2012). A prática jornalística nesse contexto ficou cada vez mais alinhada à instantaneidade, à adaptação e tratamento de conteúdo, à formatação, à distribuição multiplataforma, à monitorização, à concorrência e à produção multimídia (Bastos, 2012).

E afinal, como era o ciberjornalismo? Quais as suas características?

Segundo Pedro Jerônimo (2015), a comunicação praticada no ciberjornalismo era horizontal; isto é, a mensagem era enviada de muitos para muitos. Essa prática ocupou o lugar da comunicação vertical, que ocorre quando a informação é transmitida de um para muitos. Ele também reforça que, entre outras mudanças e características, até o modelo de construção das notícias passou a ser revisto no ciberjornalismo.

A adoção da Internet por parte do jornalismo teve implicações na produção e no produto. Os jornalistas e os ciberjornalistas passaram a ser desafiados por uma linguagem multimídia, que recorre, entre outras, a potencialidades como a interatividade e a hipertextualidade. O processo de comunicação deixou de ser vertical e passou a ser cada vez mais horizontal, isto é, de um modelo de um para muitos, passou-se a um de muitos para muitos. O próprio modelo de construção noticiosa foi revisto. Se até à chegada da Internet ele era apenas o da pirâmide invertida, depois surge o da pirâmide deitada (Canavilhas, 2007). O subaproveitamento da hipertextualidade (Zamith, 2011), que permitiria um percurso de leitura independente e interativo por parte do utilizador, ajudando-o na contextualização, é o exemplo mais flagrante disso. (Jerônimo, 2015 : 55).

A interatividade, a hipertextualidade e a multimidialidade são algumas das características do ciberjornalismo. Além delas, outras quatro completam o grupo das particularidades que constituem esse novo jornalismo: instantaneidade, ubiquidade, memória e personalização. Fernando Zamith (2011) lista e define cada uma delas, e com base nessas definições, pode-se explicar como “funcionava” a prática jornalística.

Seguem abaixo, portanto, as sete características do ciberjornalismo:

- **Interatividade:** é a interação humana (entre dois ou mais seres humanos) viabilizada pela máquina, ou simplesmente uma conversação. Nesse sentido, tem-se que a interação ocorre quando a antiga audiência (o público, o cidadão comum, os antigos receptores de notícia) abandona o papel de agente passivo e passa a participar do processo de pesquisa, produção e difusão da informação. Tal participação se dá através de fóruns, caixas de comentários, sites pessoais e coletivos, weblogs, microblogs, redes sociais e

demais ferramentas de expressão, ação, interação, escolha, partilha, recomendação e participação acessíveis a qualquer pessoa. Por outro lado, o “novo jornalista” não decide o que o público deve saber; ele transforma-se em líder de um fórum, ou em um mediador. Vale acrescentar que a interatividade não é valorizada no jornal impresso, uma vez que o veículo não viabiliza a comunicação imediata entre leitores e jornalistas e tem apenas um espaço pequeno e secundário para a participação desses leitores, intitulado geralmente de “cartas ao diretor”. Já a rádio e a televisão possibilitam uma comunicação instantânea, mas ela é limitada. Na internet o contato é diferente: a possibilidade de interação entre utilizadores, entre si ou com jornalistas, são maiores, e podem se tornar comentários publicados junto às notícias, troca de e-mails, fóruns de discussão, salas de comunicação, inquéritos ou até sistema de votação/avaliação de conteúdos.

- **Hipertextualidade:** se for conceituada de forma técnica, a hipertextualidade - ou, mais precisamente, o hipertexto - pode ser apresentada como um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós, nesse caso, podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, ou sequências sonoras, e cada um deles pode conter uma rede inteira. O hipertexto pode ser entendido também como uma forma de discurso moldado mediante a combinação de diversos textos. É possível identificar um hipertexto, por exemplo, na literatura, através das notas de rodapé, flashbacks e narrativas paralelas e não sequenciais que remetem o leitor para diferentes partes da obra; nos textos acadêmicos e científicos, por meio de referências a fontes e notas explicativas; e até mesmo no jornalismo, quando se vê complementos do tipo “ver caixa”, “ver gráfico” ou “página X” no jornal impresso e informações em rodapé na televisão. No ciberjornalismo, a hipertextualidade pode ser definida como a capacidade de interligar vários textos digitais entre si.
- **Multimedialidade:** é a capacidade de se combinar em uma só mensagem pelo menos dois dos três elementos: texto, imagem e som. No ciberjornalismo, é considerada também como a convergência dos formatos dos veículos tradicionais (jornal impresso, rádio e televisão) na narração do fato jornalístico. Outra definição, desta vez com referência ao termo multimídia, é a de que esta representa todas e quaisquer combinações de conteúdo editorial, em termos de texto escrito, imagens fixas e em movimento, sons, dados e gráficos. Multimedialidade é o conceito que menos gera

discussões entre teóricos, podendo ser resumida somente na ideia de convergência; pode ainda ser associada à hipertextualidade, o que resulta no elemento hipermídia: potencialidade jornalística que permite a criação de uma narrativa mais rica e contextualizada.

- **Instantaneidade:** pode ser conceituada como a capacidade de publicar instantaneamente qualquer conteúdo jornalístico sem depender da hora do noticiário radiofônico ou televisivo, ou do momento em que o jornal impresso começa a ser distribuído para leitura. É também designada simultaneidade. Importante ressaltar que as primeiras publicações jornalísticas na internet mantiveram uma periodicidade, renovando os conteúdos apenas uma vez por semana, ou uma ou duas vezes por dia, na mesma hora. A maior parte dessas publicações já se atualizou, publicando conteúdo a qualquer instante, mas alguns ainda sustentaram a periodicidade por anos. Outro aspecto relevante é que a instantaneidade assume papel especial quando há uma cobertura noticiosa, tanto de fatos imprevistos (acidentes, catástrofes naturais ou atentados) como de acontecimentos programados (competições desportivas, conferências de imprensa, sessões de bolsa, congressos ou outro tipo de eventos).
- **Ubiquidade:** também chamada de universalidade ou transnacionalidade, a ubiquidade representa a possibilidade de utilizadores de todo o mundo terem acesso a uma notícia publicada na internet. Tal característica permite a exploração de um mercado mundial, e não apenas local, regional ou nacional. Diante desse potencial, alguns veículos têm publicado conteúdos em mais de uma língua, substituindo referências temporais (como “ontem”, “hoje” e “amanhã”) pelos dias da semana, para evitar possíveis confusões com fusos horários.
- **Memória:** é uma qualidade garantida pela internet que possibilita o arquivamento e a recuperação de toda informação publicada na rede, a qualquer momento. É, na realidade, uma curadoria de informação, pois reflete o tratamento e o cuidado com essas informações, para que elas possam ser novamente utilizadas. Apesar de ser bastante relevante na dinâmica jornalística, não era tão valorizada entre os meios tradicionais. O conceito de memória ainda reúne outras duas vantagens: capacidade e perenidade. Ou seja, considerando o contexto da internet, mais especificamente do ciberjornalismo, tem-se na rede a garantia de uma capacidade de acumulação de conteúdos praticamente

ilimitada. Antes disso, nunca havia sido possível guardar, reutilizar e disponibilizar todo arquivo num único local acessível a qualquer momento e em qualquer ponto do planeta.

- Personalização: consiste em alterar a configuração genérica de um canal de acordo com os critérios especificados por um utilizador. No caso do ciberjornalismo, é a opção que o utilizador tem de configurar os produtos jornalísticos de acordo com seus interesses individuais. A personalização é também uma característica autônoma, com potencialidade jornalística, e pode ser classificada mediante a aparência gráfica (tipo de letra maior ou mudança da cor de fundo, por exemplo), conteúdos informativos (o utilizador escolhe os conteúdos que quer visualizar e descarta os restantes), serviços (o utilizador escolhe os critérios de representação dos conteúdos em função das suas preferências), envio de informação (o utilizador escolhe o tipo e a frequência da informação que pretende receber no seu e-mail) e visualização multimídia (o utilizador escolhe os critérios de visualização em função da tecnologia disponível no seu equipamento). Tal atributo pode ainda ser ativo - o utilizador define suas preferências cada vez que acessa um sítio na rede - ou passiva - que define as preferências uma só vez e elas ficam registradas, sendo recordadas toda vez que o utilizador tem acesso ao sítio. Fazendo um contraponto, alguns autores alertam para os riscos de uma excessiva fragmentação e individualização como resultado de consumos personalizados. Entretanto, outros estudiosos consideram exagerados esses temores, pois, segundo eles, as novas formas convivem com as mais antigas, e não as substituem.

Juntas, essas características sinalizam o novo rumo que o jornalismo tomou a partir do momento que se uniu à internet. Pode-se dizer até que elas são um divisor de águas ou um marco se comparadas às características que vigoraram anos antes, com a prática jornalística tradicional. O caminho percorrido pela profissão, que representa a transição aqui abordada, é marcado por desafios, riscos e mais transformações; mas antes de seguir nessa caminhada, é importante identificar e analisar as consequências que a soma jornalismo e internet teve nesse contexto.

2.2 Consequências do Ciberjornalismo

Assim como foi influenciado por características, o jornalismo também passou por consequências ao se juntar à internet. À medida que foi sendo praticado, o ciberjornalismo provocou transformações, dos jornalistas às empresas de comunicação, e tais mudanças foram decisivas no processo de transição da profissão (Guimarães & Fernandes, 2012).

Os jornalistas - ou melhor, ciberjornalistas - por exemplo, foram direta ou indiretamente afetados em suas práticas, papéis e questionamentos acerca do jornalismo (Bastos, 2012). A avalanche de novidades provenientes das características do ciberjornalismo acabaram pressionando esses jornalistas a se reorganizarem, se readaptarem e até mesmo a se reinventarem diante de tudo o que eles não haviam conhecido ou aprendido no meio jornalístico em que atuavam antes.

A redação digital é o novo meio dos ciberjornalistas e é ela que “dita as regras” que deverão ser seguidas por eles a partir daí. Além de se enquadrarem nessa nova realidade, os jornalistas se deparam com um conflito entre o jornalismo tradicional e o ciberjornalismo, o que revela um desequilíbrio entre profissionais e a profissão nesse período (Bastos, 2012).

A instantaneidade implica que o ciberjornalista tenha, ou desenvolva, aptidões de tratamento rápido e contínuo de informação. A par disso, numa redação digital, será tanto mais apreciado quanto mais desenvolvidas forem as suas aptidões multimédia, ou seja, a sua capacidade de trabalhar em simultâneo com vários média (áudio, vídeo, fotografia, texto), dominando as suas linguagens e a própria narrativa hipermédia. Até aqui, nada de preocupante, uma vez que a Web é, por natureza, multimédia e hipertextual. O problema começa quando as aptidões multimédia dos ciberjornalistas, por norma muito valorizadas por quem os contrata, não são acompanhadas de aptidões jornalísticas tradicionais básicas, tais como saber distinguir entre o que é ou não notícia, ter intuição para a descobrir, obter informação em primeira mão, investigar em profundidade e reportar. (Bastos, 2012 : 8)

Desequilibrada ou não, a relação entre os jornalistas e o jornalismo se mantém, e, principalmente, se mantém com a garantia de resultados - os conteúdos publicados e consumidos no ciberespaço. Vale destacar que a rotina de produção jornalística, nesse caso, é marcada por multitarefas como edição de texto, de áudio e vídeo (Guimarães & Fernandes, 2012; Jerônimo, 2015) e que essa aproximação com atividades técnicas acaba, algumas vezes, afastando os ciberjornalistas da função essencialmente jornalística (Bastos, 2012).

Mas não foram só as multitarefas que marcaram a rotina produtiva desses profissionais. De

acordo com Helder Bastos (2012), as etapas de filtragem e de valorização das notícias, que também fazem parte da dinâmica de produção, passaram a ser reavaliadas. Isso porque no ciberjornalismo a cobertura jornalística começou a ser influenciado pela interatividade, contando assim com a participação de novos atores - desde entidades e empresas não jornalísticas a cidadãos - que adquiriram o papel de produtores, disseminadores e comentaristas das informações trabalhadas (Bastos, 2012).

Andy Kaltenbrunner (2018) reforça essa participação, frisando que ela impactou não só a rotina produtiva como a própria função dos jornalistas. “Todo cidadão é, potencialmente, um gerador de conteúdo - por exemplo, em uma enciclopédia ou em seu próprio blog ou canal YouTube - e assim se torna um ‘produser’ híbrido. O termo é derivado de ‘produsage’, que designa o processo de participação aberta e integração de muitos, possivelmente todos os indivíduos na produção” (Kaltenbrunner, 2018 : 23).

É importante acrescentar, ainda no âmbito dos jornalistas, que esse momento da transição culminou em muitas demissões, inaugurando um evento que, a cada ano, se tornaria mais comum nas redações: as demissões em massa, ou como é popularmente chamado no meio jornalístico, o “passaralho”. “As redações mais atingidas por despedimentos foram aquelas em que as alterações tecnológicas foram mais profundas. Os jornalistas atingidos pelas reestruturações tinham mais de 50 anos de idade e mais de 20 anos de profissão, enquanto os menos afetados tinham idades abaixo dos 30 anos e menos de seis de atividade” (Bastos, 2014 : 40).

As empresas de comunicação também foram impactadas pela emergência do ciberjornalismo. A participação do público, lembrada aqui por meio da interatividade e por influenciar a rotina produtiva dos jornalistas, desconcentrou o fluxo de informações que existia na dinâmica do jornalismo tradicional e isso prejudicou a rentabilidade dessas empresas. Ou seja, se antes a produção e publicação de conteúdo era exclusiva dos veículos de comunicação, com a internet essa exclusividade acabou, pois ela possibilitou que o público também se tornasse produtor e difusor de conteúdo (Dantas, 2020). As informações estavam então pulverizadas na sociedade e as empresas, que garantiam poder e renda por meio delas, sentiram “no bolso” a mudança (Zamith, 2011).

E não é só por causa da interatividade que as organizações foram afetadas. A mistura da

participação do público com a internet, um meio de caráter livre e gratuito (Silva, 2006), se chocou com os principais modelos de negócio que sustentavam os veículos de comunicação tradicionais (Zamith, 2011). Vale acrescentar que a receita proveniente da publicidade acabava sendo insuficiente e as tentativas de estabelecer acesso pago aos conteúdos online não prosperaram (Silva, 2006). “Ao optarem pelo acesso livre na internet, os media ganham audiência, mas vêem o seu futuro ameaçado pela falta de sustentabilidade econômica” (Zamith, 2011 : 13).

Tal fase crítica levou as empresas de comunicação a adotarem algumas medidas, como o corte de gastos. Compromissos editoriais caros, dados por reportagens investigativas e especialistas, e correspondentes estrangeiros (Kaltenbrunner, 2018) foram logo retirados da “folha de pagamento”. Só que, em alguns casos, essa medida ainda não foi suficiente: uns tiveram que reduzir a produção e publicação de conteúdos e outros tiveram até mesmo que fechar as portas.

Quando o corte de custos não foi suficiente, as operações de mídia foram fechadas em quase todos os lugares do hemisfério ocidental. O lendário France Soir, que vendeu 2 milhões de cópias em seus melhores dias, teve apenas 36.000 compradores restantes em 2011 - e fechou suas portas. Os problemas eram regionais e nacionais. O Canal Nou local, em Valência, deu a demissão de todos os seus 1.700 funcionários durante a noite em 2013. A ERT nacional da Grécia havia encerrado completamente as operações de rádio e TV alguns meses antes. (Kaltenbrunner, 2018 : 14)

Um detalhe que precisa ser considerado nesse contexto é o de que, entre os veículos de comunicação, o jornal impresso foi o mais prejudicado com a junção da internet com o jornalismo. O motivo, sobretudo, foi o crescimento considerável do uso da internet (Jerônimo, 2015), que culminou no elevado consumo do jornal online e, conseqüentemente, na queda do consumo do jornal de papel (Silva, 2006). Com essa queda, a renda dos veículos impressos ficou desproporcional ao gasto com produção e publicação e isso gerou um prejuízo específico se comparado ao prejuízo que atingiu todos os meios de comunicação com a emergência do ciberjornalismo.

Outro ponto que deve ser levado em conta é que as demissões, citadas anteriormente, não estão atreladas apenas à relação dos jornalistas com as alterações tecnológicas; elas também estão associadas à situação financeira das empresas. Helder Bastos (2014) retrata esse momento como espiral suicida dos cortes e despedimentos sucessivos: “Nessa fase de transição de paradigmas, em que o modelo de negócio tradicional dos media está em declínio acelerado e

os novos modelos de negócio estão ainda longe de se consolidar, as empresas jornalísticas parecem não conseguir travar a espiral suicida dos cortes e despedimentos sucessivos como resposta sistemática à quebra de receitas publicitárias e de audiências” (Bastos, 2014 : 45).

Pode-se observar, de fato, que tanto a avalanche de características quanto o “mar” de consequências que surgiram com a emergência do ciberjornalismo refletem mudanças de grandes dimensões na profissão, com relação ao período anterior, protagonizado pelo jornalismo tradicional. Helder Bastos (2012), inclusive, critica o ciberjornalismo por tamanho impacto, argumentando sobre os valores, práticas, papéis e a qualidade do jornalismo (Bastos, 2012).

A diluição de pilares centrais da actividade jornalística no ciberjornalismo teve como principal consequência a perda generalizada da qualidade do jornalismo produzido nas redações digitais. Quando boa parte do tempo laboral e das energias dos profissionais é dirigido para tarefas de alto teor técnico de rotina e baixa densidade jornalística, não se poderia esperar que aquelas redações fossem um centro de produção permanente de notícias em primeira mão, de reportagens no terreno ou de trabalhos de investigação em profundidade. (Bastos, 2012 : 9).

Apesar das críticas, há quem reconheça que tais mudanças não foram homogêneas. Ou seja, as transformações provocadas pela tecnologia na prática jornalística ocorreram de forma relativa, não necessariamente iguais em todas as redações. Pedro Jerônimo (2015), por exemplo, defende que tudo vai depender da transformação e do meio que será influenciado por ela. “As variações vão desde os contextos mais geral, de empresa para empresa, até o mais particular, de jornalista para jornalista” (Jerônimo, 2015 : 38).

Independente de críticas ou relativizações, o que vale realçar é que cada uma das características e das consequências mencionadas até aqui marcaram o ciberjornalismo e o processo de transição do jornalismo. Nesse caso, pode-se dizer que os atributos e os acontecimentos foram fundamentais, tanto para moldar o jornalismo que vigorava antes da internet quanto para desenvolvê-lo dentro do processo de transição pelo qual estava passando. Por isso, segue abaixo uma ilustração com todos os aspectos do ciberjornalismo, que resumem esse período e contribuem para uma visão e compreensão mais nítida do que acontece até a fase do jornalismo de dados, que será abordada a seguir.

Ciberjornalismo	
Características	Consequências
Interatividade	Jornalistas x redação digital
Multimedialidade	Alterações na rotina de produção
Hipertextualidade	Demissões
Instantaneidade	Queda de audiência
Ubiquidade	Queda da receita
Memória	Corte de gastos
Personalização	Fechamento de empresas

Figura 2: Características e consequências do Ciberjornalismo (autoria própria)

Essas marcas do ciberjornalismo e do processo de transição do jornalismo sinalizam algo ainda maior: os desafios, os riscos e as oportunidades encaradas pela profissão nesse percurso. Embora o caminho até o jornalismo de dados seja de mais alterações tecnológicas e, conseqüentemente, de marcas que podem indicar mais desafios, riscos e oportunidades, é significativo identificar o tom, o clima ou (porque não) o sentimento que envolve esse momento.

Os desafios e os riscos encarados pela prática jornalística nessa época estão, na maioria das vezes, separados por uma linha muito tênue. Isso porque esses desafios - que, diga-se de passagem, representam quase a totalidade das consequências já apresentadas - também levaram o jornalismo a lidar com riscos, ou possíveis riscos. Andy Kaltenbrunner (2018) ainda é mais “trágico”: ele afirma que esse período ilustra um fenômeno, que é a crise do jornalismo tradicional; ainda permeando a ideia de crise, Milena Dantas (2020) ameniza, afirmando, nesse caso, que “o jornalismo vive uma crise paradigmática”. Já Helder Bastos (2012) se concentra nos desafios, e afirma que a profissão foi desafiada, seja pela evolução ocorrida em circunstâncias complexas, ou seja pelo ciberjornalismo em si.

Mesmo insinuando um tom, clima ou sentimento com tendência negativa, os desafios e riscos que fizeram parte do caminho do jornalismo não devem ser limitados a isso, pois ambos podem ter dado abertura de oportunidades para a profissão experimentar novidades. Alguns relatos chegam a afirmar que o jornalismo mudou para melhor; houve também maior interesse na transição do jornal e maior esperança no futuro da mídia. “A internet pode ter sido prejudicial ao desejo dos jornalistas e editores da imprensa de evitar a interrupção da sua confortável hegemonia sobre os media” (Ibid.), mas seu crescimento “trouxe ao jornalismo oportunidades sem fim” (Kaltenbrunner, 2018 : 23).

2.3 De olho na tecnologia: a chegada ao Jornalismo de Dados

Enquanto o jornalismo tradicional saía de cena e dava lugar ao ciberjornalismo, com suas características e consequências, a tecnologia não parou de evoluir. A adesão à internet acompanhou tal desenvolvimento, e se tornou cada vez mais uma realidade, estando mais presente, ano a ano, na dinâmica econômica e social da sociedade.

Pedro Jerônimo (2015) analisa a dimensão conquistada pela rede, e mostra, através da comparação de números, como ela e seus desdobramentos - como as redes sociais - acabaram se tornando parte inerente da vida da maioria das pessoas. “Para alcançar 50 milhões de pessoas, o rádio levou 38 anos, a televisão 13, a Internet quatro e a rede social Facebook dois (Michael, 2011: 3). Um ritmo que é encarado por Castells (2002: 6) como natural: “a tecnologia não determina a sociedade: incorpora-a. Mas nem a sociedade determina a inovação tecnológica: usa-a” (Jerônimo, 2015 : 31).

A corrida tecnológica junto à amplitude da internet resultou no surgimento e expansão da Web 2.0 (Zamith, 2011; Kaltenbrunner, 2018). Tal designação da rede sugere um nível maior de tecnologia, e, paralelo a isso, a possibilidade do uso de mais ferramentas que garantem uma maior comunicação. Entre tais ferramentas, estão os blogs, microblogs, wikis, sites pessoais, salas de chat, fóruns de discussão, redes sociais, assim como espaços de publicação e partilha de fotos, vídeos, áudios, slideshows, ou ainda mapas, serviços de georeferenciação, leitores de feed e outros serviços associados à internet (Zamith, 2011).

As redes sociais são um exemplo de ferramentas que, depois de lançadas, apresentaram versões cada vez mais diferentes e inovadoras com o passar dos anos, tendo continuamente grande

adesão do meio social. “Em meados dos anos 2000, ocorreu a transição da Internet para a Web 2.0: o Facebook entrou em erupção no espaço virtual em 2004; o Twitter foi lançado em 2006; o Instagram entrou no ar em 2010. Com suas funções inovadoras e seu romance com ferramentas de gestão social e de informação (Schmidt 2009, 71), a nova web mudou o mundo da comunicação” (Kaltenbrunner, 2018 : 18).

A Quarta Revolução Industrial ou Indústria 4.0, citada nesta pesquisa anteriormente, também surge nessa época. De acordo com Klaus Schwab (2019), essa fase - que, por sua vez, é posterior à Terceira Revolução Industrial, abordada no início do capítulo - teve início na virada do século e é baseada na revolução digital. As inovações, nesse caso, são caracterizadas pela internet mais ubíqua e móvel; por sensores menores e mais poderosos, que se tornaram mais baratos, e pela inteligência artificial e aprendizagem automática (Schwab, 2019).

A quarta revolução industrial, no entanto, não diz respeito apenas a sistemas e máquinas inteligentes e conectadas. Seu escopo é muito mais amplo. Ondas de novas descobertas ocorrem simultaneamente em áreas que vão desde o sequenciamento genético até a nanotecnologia, das energias renováveis à computação quântica. O que torna a quarta revolução industrial fundamentalmente diferente das anteriores é a fusão dessas tecnologias e a interação entre os domínios físicos, digitais e biológicos (Schwab, 2019 : 20).

A definição da Quarta Revolução Industrial traz a ideia de que essa fase existe até hoje, e que carrega o ápice da tecnologia ou tudo o que está relacionado a ela, em sua forma mais completa - ou seja, ela sempre vai representar o ponto alto dos avanços tecnológicos, mesmo sendo eles contínuos. Sandro Santos (2019) descreve tal revolução como o momento da transformação digital dos mercados industriais e da fabricação inteligente em primeiro plano. “A Indústria 4.0 representa a chamada quarta revolução industrial em manufatura discreta e de processo, logística e cadeia de suprimentos (logística 4.0), indústria química, energia (energia 4.0), transportes, serviços públicos, petróleo e gás, mineração e metais e outros segmentos, incluindo recursos industriais, saúde, indústria farmacêutica e até cidades inteligentes” (Santos, 2019 : 11).

Embora a tecnologia não tenha sido aqui apresentada em todos os seus detalhes desde que tomou forma, após a Terceira Revolução Industrial, é nítido que ela passou por sucessivos avanços que a direcionaram para uma escalada até a Quarta Revolução Industrial, que o presente estudo acredita estar em vigor hoje. O jornalismo não pôde acompanhar diretamente

essa escalada, pois, além de ter acabado de sair de uma era tradicional, a profissão estava se adaptando às mudanças provocadas pelo ciberjornalismo quando ela definitivamente começou.

Vale lembrar que o jornalismo se uniu à internet anos depois do surgimento da rede, configurando-se realmente como ciberjornalismo, já dentro das redações, a partir dos anos 90 (Silva, 2006; Jerônimo, 2015). De lá para cá, com a transição em processo, os veículos de comunicação se adaptaram à nova realidade, aprendendo a transformar seus modelos de jornalismo, distribuição e assinatura digital, ou investindo em operações digitais não jornalísticas para garantir uma renda. Novos veículos também surgiram, estabelecendo outros padrões no jornalismo digital, e projetos voltados para a internet, blogueiros e jornalistas se recuperaram (Kaltenbrunner, 2018).

Com o surgimento da Web 2.0, a interatividade foi se tornando parte ainda mais comum da rotina de produção jornalística, com a participação dos cidadãos e o uso das ferramentas da internet (Zamith, 2011; Kaltenbrunner, 2018). Depois, essa comunicação passou a ter suportes, como os telefones celulares, os laptops e os tablets, que surgiam mediante o avanço da tecnologia (Zamith, 2011). “Alguns anos depois, esses desenvolvimentos técnicos se manifestaram em dispositivos finais convergentes: os primeiros smartphones chegaram ao mercado em 2007; a Apple lançou o iPad em 2010. Essas inovações técnicas não apenas alteraram a percepção dos usuários, mas também impactaram a rotina de trabalho dos jornalistas” (Kaltenbrunner, 2018 : 19).

Observa-se, nesse caso, que mesmo não acompanhando diretamente a escalada da tecnologia, o jornalismo dava passos no processo de transição tendo essa escalada como referência. Milena Dantas (2020) afirma, entretanto, que “a trajetória do jornalismo online ocorreu em sintonia com o desenvolvimento de novas tecnologias”.

Independente da forma como a profissão acompanhava as inovações, pode-se considerar que, à medida que o jornalismo “caminhava”, o nome ciberjornalismo acabou enfraquecendo ou ficando menos usual, pois remetia à relação entre a prática jornalística e a internet estabelecida anos atrás. Essa relação continuou, mas foi ressignificada; já a composição do jornalismo, que, nesse contexto, teve como base as características e consequências vindas do ciberjornalismo, se manteve e preparou a profissão para as transformações que ocorreram a seguir.

Frente ao que foi apresentado, é possível constatar então que, após a evidência do ciberjornalismo, o jornalismo continuou em transição, passando por novas tecnologias, adaptando-se a mudanças e encarando, como antes, desafios, riscos e oportunidades (Dantas, 2020). Ou seja, desde que se aproximou da prática jornalística, a transição se instalou, fazendo com que o jornalismo traçasse um caminho de reinvenções, superações e fases.

Milena Dantas (2020) ilustra essa trajetória dividindo-a em cinco gerações (ou fases). Assim como já foi explanado aqui, a primeira ocorreu logo quando o jornalismo se uniu à internet e havia a reprodução de conteúdos do impresso na rede; já na segunda, o ciberjornalismo começava a tomar forma, por meio de alguns características que despontaram, até que na terceira se consolidou por completo. Na sequência, tem-se duas gerações bastante relevantes, que inauguraram o contato do jornalismo com os dados e levaram a prática jornalística ao jornalismo de dados.

A primeira geração - fase da transposição - foi aquela em que os jornais estavam preocupados em ter uma presença na internet, mas apenas reproduziam o mesmo conteúdo do impresso na versão digital, atualizada a cada 24 horas. Os primeiros jornais passaram a ter seus conteúdos disponíveis na internet, no final dos anos 1990. Na segunda geração - fase da metáfora - as atualizações passaram a ser mais frequentes e começaram a surgir as primeiras experiências com hipertexto, mas os conteúdos ainda remetem a versão impressa dos veículos. E só na terceira geração - fase do webjornalismo - que se começa a explorar mais o potencial do meio digital, revelando novas narrativas que evidenciavam características como a hipertextualidade, a multimídia e a interatividade. É neste momento, segundo Canavilhas, “que o hipertexto passa a ser um elemento preponderante na construção da notícia, tornando-se no elemento central da narrativa” (p. 327). Abre espaços para a inovação nas formas de narrar. Na quarta geração - fase do jornalismo em base de dados - a utilização dessas bases altera o processo de produção e edição jornalística, o formato de produtos e resulta em inovações nas narrativas, marcadas agora pela hipermedialidade (hipertexto acrescido de recursos multimídia). Por último, a quinta geração - fase da medialidade e das bases de dados - traz inovações por meio de uma maior utilização das bases de dados na estrutura do jornalismo digital (Dantas, 2020 : 23).

Antes de explorar o jornalismo de dados, é válido entender o que são dados. De acordo com Mayanna Esteveanim (2016), dados são registros, um conjunto de elementos quantitativos, qualitativos, categóricos ou indefinidos, que podem ser organizados ou não. Ao ser reconhecido no contexto tecnológico aqui abordado, os dados chamam atenção pelo seu vasto número de estímulos, ou quantidade disponibilizada na internet; esses dados são matéria bruta, utilizada em construções comunicativas, e não podem ser igualados à ideia de informação porque esta existe quando os dados adquirem um sentido interpretativo. “Os dados precisam ser

organizados, transformados e apresentados para terem significado e valor interpretativo. Neste sentido é possível compreender o caráter de apropriação e manipulação de dados facilitados pela linguagem digital” (Estevanim, 2016 : 37).

O público, que se tornou um importante produtor de conteúdo na transição do jornalismo, é apontado como um dos responsáveis pelo grande volume de dados disponíveis hoje (Estevanim, 2016). O que acontece é simples, e já foi explicado nesta pesquisa: o avanço da tecnologia viabiliza a criação de ferramentas e dispositivos que cada vez mais, e em um ritmo acelerado, produzem dados. Tais instrumentos são utilizados pelos seres humanos, só que eles assumem apenas o papel de produtores desses conteúdos. O desafio, nesse caso, é saber como armazená-los, acessá-los, identificá-los, usá-los; enfim, lidar com eles - e é nesse contexto que o jornalismo, que já está acompanhando a tecnologia e tudo o que está a sua volta, entra em cena.

Mayanna Estevanim (2016) aborda a relação do jornalismo com os dados através da visualização de dados. Segundo ela, os veículos de comunicação e demais iniciativas jornalísticas que buscam materiais relevantes e inovadores, tanto na mensagem que estão publicando quanto na forma como a estão apresentando, têm recorrido bastante à visualização de dados.

Ao visitar na web as páginas de jornais nacionais e internacionais, é possível perceber o crescimento das informações visuais com seções exclusivas de dados, assim como as já presentes sobre infografia. As iniciativas que reúnem imagens relacionadas a um grande volume de dados ocorrem nas práticas de mercado, laboratórios acadêmicos, assim como em mídias independentes, como observaremos ao longo da pesquisa. As diferentes empresas de mídia têm se aperfeiçoado e disponibilizado na rede conteúdos aprofundados sobre situações contemporâneas. O jornalismo de dados preenche as lacunas de conteúdos mais densos e contextualizados aos anseios de uma sociedade interconectada, que cada vez mais se representa a partir de imagens e números (Estevanim, 2016 : 17).

Vale lembrar que essa é uma dinâmica que “passeia” entre a quarta e quinta geração do processo de transição do jornalismo (Dantas, 2020) e que deve ser considerada até os dias atuais. Ou seja, tudo o que está sendo apresentado não só faz parte de uma fase recente das transformações sofridas pelo jornalismo como também pode ser identificado na prática jornalística, dentro das redações. É importante salientar, entretanto, que o tratamento dos dados não é uma exclusividade do jornalismo - para lidar com eles, os jornalistas têm que ter um

conhecimento básico, ou contar com a ajuda de profissionais, das áreas de programação, estatística e operacionalização de ferramentas (Kaltenbrunner, 2018).

Tal vertente interdisciplinar é especificada por Mayanna Estevanim (2016) por meio da visualização de dados. “Os conceitos referentes à visualização de dados, como já inicialmente apontado, não são convergentes e seu uso é observado em diversas áreas como Engenharia, Estatística, Ciência da Computação, Design da Informação, Comunicação. Os dados disponíveis hoje dentro e fora da web vem de diferentes áreas, sejam coletas estatísticas, pesquisas científicas, cálculos matemáticos, transações financeiras, e a maneira de organizá-los pode facilitar os processos de compreensão da informação” (Estevanim, 2016 : 41).

Mas afinal, como é, na prática, a visualização de dados?

A visualização de dados lida com a tal “matéria bruta” a partir do uso de softwares de processamento de dados, que não necessariamente aparecem para o público. Os resultados finais podem ser construções narrativas feitas mediante os dados obtidos, como infografias, mapas, entre outros. Ao final, as informações são mais facilmente compreensíveis, o que mostra que esse trabalho com dados contribui para a tradução da complexidade deles e de suas correlações por meio de modelos visuais (Estevanim, 2016).

Em suma, a visualização de dados nada mais é do que o desenvolvimento de modos diferenciados para se representar informações jornalísticas, a partir da sua estruturação em base de dados. A prática também é designada como um processo do jornalismo de dados, que, por sua vez, pode ser compreendido como uma modalidade jornalística que utiliza técnicas da computação e da ciência na rotina produtiva - isto é, na apuração, edição, publicação e circulação de conteúdos (Gehlen & Sousa, 2018).

Mayanna Estevanim (2016) também define o jornalismo de dados ao mencionar a ideia de Barbosa e Torres (2013) sobre este conceito. Segundo ela, tal jornalismo é um “modelo que tem as bases de dados como definidoras da estrutura e da organização, bem como da composição e da apresentação dos conteúdos de natureza jornalística”. Além disso, “demarca a ampliação das possibilidades de emprego das bases de dados no processo de produção de conteúdos jornalísticos, no seu consumo e circulação”.

Tendo em vista tais concepções, pode-se dizer que o jornalismo de dados, junto à visualização de dados, tem uma atuação significativa no jornalismo praticado hoje e, em maior proporção, na sociedade e no fluxo de informações que a constitui. É o cuidado e o tratamento - que também pode ser considerado como curadoria - desses dados, que chegam brutos, que os preenchem de significados; ou seja, através do jornalismo de dados e da visualização de dados, o jornalismo realça como transmissor de conteúdo acessível e eficaz, e adaptado às inovações que estão à sua volta; as informações circulam sem ruídos e o público pode consumi-las e interpretá-las, aprimorando assim seu conhecimento.

Para exemplificar esse cuidado e tratamento com os dados, Mayanna Estevanim (2016) recorre ao jornalista e escritor Paul Bradshaw (2010), especialista em jornalismo de dados, que explica o processo de produção do jornalismo de dados.

Para ele, o processo de produção do jornalismo de dados pode ser dividido em quatro etapas: primeiramente encontrar os dados por meio de conhecimentos, da utilização de computadores agregado a habilidades técnicas específicas; em um segundo momento a interrogação dos dados para se ter um bom entendimento do seu meio, jargões e contexto em que se aplicam; em terceiro, mesclar as informações e dar visualização aos dados por meio de infográficos e outros recursos visuais; em quarto, mesclar e apresentar os dados por meio de ferramentas próprias ou abertas (Estevanim, 2016 : 58).

Percebe-se, portanto, que mesmo encarando contínuas transformações, sendo umas dadas por desafios e até mesmo riscos, e outras manifestadas em forma de oportunidades, o jornalismo tem se adaptado a todas elas. Se quando a profissão se uniu à internet as novidades eram as características e consequências do ciberjornalismo que estava sendo moldado, agora o novo é representado pelas bases tecnológicas, acessos via banda larga, plataformas móveis, algoritmos, narrativas multimídia, linguagem de programação, metadados, data mining, entre outros elementos da tecnologia - um cenário que envolve a prática jornalística especialmente em um ambiente online, estruturado por bases de dados.

E mesmo reconhecendo esse contexto como o que está em vigor hoje, é importante ressaltar que a transição não pára; o jornalismo segue “caminhando” nesse processo. “Em síntese, o período é de transição, de diferentes formas de apreensão do conhecimento e de apresentação de informação. Neste cenário, a narrativa pós-industrial adquire práticas diferenciadas, afinadas com o que o leitor quer e com o que as tecnologias da atualidade proporcionam” (Estevanim, 2016).

2.4 Conceitos

Diante do que foi desenvolvido até aqui, considera-se importante pontuar e descrever alguns dos conceitos que fazem parte do processo de transição do jornalismo, bem como da proposta final desta pesquisa, que situa esse processo no Brasil e em Portugal, países escolhidos para o estudo.

Entretanto, antes de dar início a essas explanações, vale demonstrar, a partir de um mapa conceitual, como este trabalho visualiza cada conceito, e como estabelece a relação entre eles a fim de seguir uma perspectiva lógica e associada ao tema abordado.

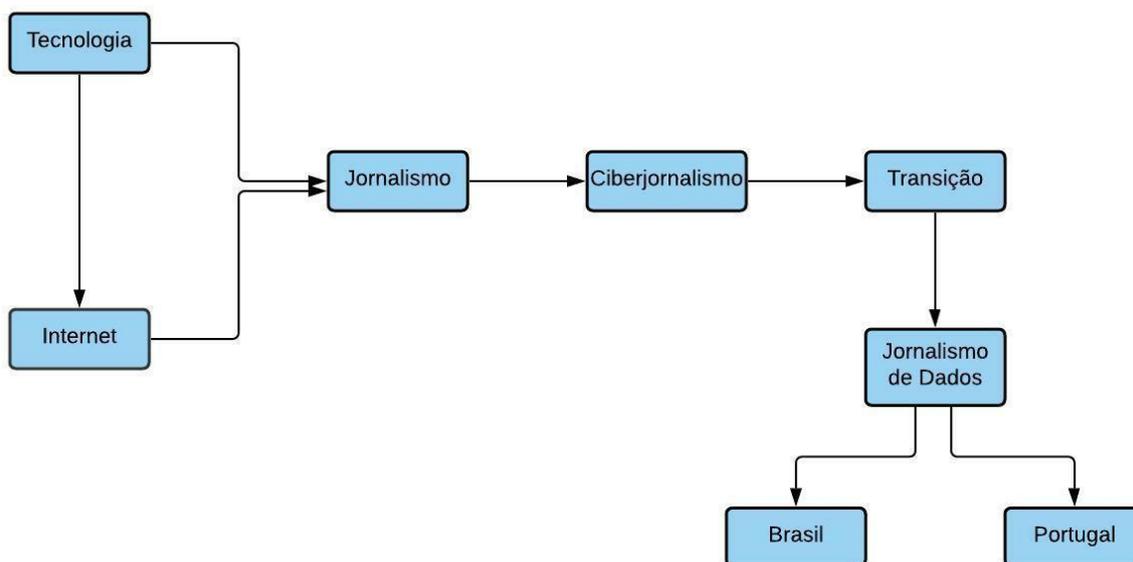


Figura 3: Mapa conceitual - transição do jornalismo/Brasil e Portugal (autoria própria)

Assim como ilustra o mapa conceitual, o primeiro nome a ser conceituado será *Tecnologia*. Taíses Alves (2009) descreve que, segundo Blanco e Silva (1993), o termo tecnologia vem do grego *technê* (arte, ofício) e *logos* (estudo de), e indicava a fixação dos termos técnicos, designando utensílios, máquinas, suas partes e as operações dos ofícios.

No entanto, como tal noção levava a uma interpretação mais descritiva, não vigorou. Tem-se agora tecnologia como uma aplicação de conhecimentos científicos na resolução de problemas; isto é, ela passa a ser sinônimo de ciência aplicada (Alves, 2009).

Se associada à Revolução Industrial, por exemplo, a tecnologia mostra que fez parte de cada

uma de suas fases, mediante a situação que elas apresentavam. Isso porque a relação entre o homem e a natureza sempre foi mediada por uma tecnologia (Alves, 2009). Porém, deve-se pontuar que a participação de maior destaque foi na Terceira Revolução Industrial, quando a tecnologia revelou um potencial mais inovador, trazendo à tona os computadores, e influenciando, mais tarde, o surgimento da internet.

A internet, por sua vez, é uma rede mundial que interliga com os computadores para fornecer informações à sociedade - pelo senso comum, é chamada inclusive de rede mundial de computadores. Ela surgiu no final dos anos 60, durante a Guerra Fria, por iniciativa do Departamento de Defesa do governo dos Estados Unidos. Na época, o objetivo era ter um sistema informatizado de defesa que fosse capaz de resistir a um ataque inimigo com armas nucleares (Franco et al, 2012).

Esse sistema, entretanto, passou por transformações até chegar na internet que se utiliza hoje: uma rede mundial de computadores que traz consigo um conjunto de protocolos e serviços, e conecta usuários com serviços de informação e comunicação de alcance mundial através de linhas telefônicas comuns, linhas de comunicação privadas, satélites e demais instrumentos das telecomunicações (Franco et al, 2012).

Juntas, a tecnologia e a internet influenciaram a dinâmica econômica e social da sociedade, formando um ciberespaço. O jornalismo, entre outras profissões, também foi influenciado, unindo-se à rede e transformando-se de jornalismo tradicional para o ciberjornalismo. E por falar em transformação, Pedro Jerônimo (2015) destaca, entre conceitos da profissão, que o jornalismo é um campo de estudo que está a ser constantemente desafiado pelas mudanças nas paisagens comunitária e cultural, e que vai se “desmultiplicando” em diversos conceitos.

O jornalismo também é vinculado à ideia de informação. Segundo Orlando Tambosi (2005), se o jornalismo é uma atividade que busca apuração, elaboração e difusão da informação por meio de diversas mídias, o conhecimento adquirido pelo público deve ser considerado como produto da prática jornalística, desde que a informação esteja correta - o que já foi lembrado nesta pesquisa. Nesse caso, pode-se reforçar esse conceito defendendo que o que move o jornalismo é a informação, e o conhecimento é uma consequência do seu trabalho.

Já o ciberjornalismo, que, como já foi mencionado, é o resultado da junção do jornalismo com

a internet. Ele se consolidou, de fato, poucos anos depois, impactando a profissão com diversas características, bem como consequências, que marcaram o processo de transição do jornalismo. Pedro Jerônimo (2015) acrescenta, afirmando que Ramon Salaverría (2005:21) define o ciberjornalismo como “a especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos”.

A transição aqui citada é particular ao processo experimentado pelo jornalismo, que, por sua vez, existe até hoje. Ela traz a ideia de transformação, de mudança, de sair de um ponto e chegar ao outro de forma diferente. O site Infopédia (www.infopedia.pt) expressa essa mesma ideia. Segundo o que está publicado na página, a transição⁴, se conceituada como um nome feminino, configura o “ato ou efeito de passar de um lugar, de um estado ou de um assunto para outro”, ou ainda pode ser “passagem que comporta uma transformação progressiva; evolução”.

Vale ressaltar que a transição é um acontecimento contínuo do jornalismo, mas, no mapa conceitual, ela está entre o ciberjornalismo e o jornalismo de dados. A posição representa o momento em que a profissão começou a passar por mudanças, e tal momento ocorreu justamente a partir do ciberjornalismo. Após esse período, as transformações continuaram, dentro e fora do jornalismo, até ele chegar ao contexto mais atual, do jornalismo de dados.

O jornalismo de dados pode ser compreendido como uma modalidade jornalística que recorre a técnicas da computação e da ciência na rotina produtiva; isto é, na apuração, edição, publicação e circulação de conteúdos (Gehlen & Sousa, 2018). Apesar de ter como base o jornalismo, o jornalismo de dados, na técnica, possui características específicas, e estas o definem e distinguem da prática jornalística convencional.

Pode-se afirmar também que, por estar inserido em um contexto de alta tecnologia, o jornalismo de dados é multieditorial, multiplataforma e é desenvolvido por múltiplos profissionais, que atuam em conjunto (Gehlen & Sousa, 2018). Nesse caso, vale frisar que, junto ao jornalista, trabalham também programadores, infografistas, diagramadores, estatísticos, entre outros profissionais, que usam esse trabalho conjunto na curadoria dos dados e para atingir o conhecimento do público.

Por fim, tem-se os conceitos de Brasil e Portugal. Os dois países foram inseridos no mapa

⁴ Informação disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/transicao>

conceitual porque, após a análise do processo de transição do jornalismo, de forma geral, tal processo também será estudado na realidade brasileira e portuguesa.

Visto isso, pode-se apresentar o Brasil⁵ como República Federativa do Brasil, maior país da América do Sul e o quinto maior do mundo em área territorial. Foi marcado por uma imigração oriunda de vários locais do mundo e, por isso, é uma das nações mais multiculturais e etnicamente diversas. É também regido pelo presidencialismo, e possui 26 estados e o Distrito Federal, sua capital.

Importante destacar que o Brasil é o único país da América onde se fala, em sua maioria, a língua portuguesa, e é o maior país lusófono do planeta. Ou seja, o Brasil possui uma ligação direta com Portugal, pois, além de ter sido colonizado pelos portugueses, também tem como língua principal a língua original do país.

Portugal⁶, ou República Portuguesa, está localizado no sudoeste da Europa e na zona ocidental da Península Ibérica. Contém uma parte continental e duas regiões autônomas, que são os Açores e a Madeira. Regido pelo semipresidencialismo, Portugal tem a cidade de Lisboa como capital; já o Porto, sua segunda maior cidade, é a responsável pela origem do nome do país.

⁵ Informação disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>

⁶ Informação disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal>

3. Metodologia

Para chegar ao conhecimento dos contextos e circunstâncias acerca do processo de transição do jornalismo e, mais especificamente, do jornalismo no Brasil e em Portugal, o presente estudo seguiu dois diferentes métodos de pesquisa: a revisão tradicional da literatura e a revisão sistemática da literatura.

A escolha dessas diretrizes foi baseada não só no tema abordado, como também na forma como ele seria apresentado nesta pesquisa; Ou seja, visando uma explicação completa, clara e objetiva, optou-se por utilizar a metodologia da revisão tradicional da literatura para iniciar e explorar a ideia de “transição do jornalismo”, e, posteriormente, optou-se por atender os métodos e regras da revisão sistemática da literatura para garantir uma explanação mais organizada, específica e precisa.

A revisão tradicional da literatura, nesse caso, se situa como uma linha de pesquisa que possibilitou e facilitou a abordagem da “transição do jornalismo” de uma forma mais geral, isto é, de modo a considerar como esse processo ocorreu na profissão como um todo, atentando-se à cronologia e à história que envolvem o assunto.

Já a revisão sistemática da literatura, na sequência, vem com a base de conhecimento garantida pela revisão tradicional da literatura e a direciona para o quê, de fato, será estudado. Vale ressaltar que esse direcionamento é sistemático; é dado por partes distintas que se complementam até chegar ao resultado final.

Visto isso, tem-se que a revisão tradicional da literatura prepara o leitor para, em seguida, ele se aprofundar e conhecer uma realidade mais detalhada do tema, a partir da revisão sistemática da literatura. Juntas, as duas diretrizes podem levar a um bom e enriquecido entendimento do presente estudo, e por esse motivo são tão importantes para o trabalho. Como dito anteriormente, são as verdadeiras engrenagens desta pesquisa.

3.1 Como tudo começou: revisão tradicional da literatura

Apesar de a revisão tradicional da literatura já ter sido apresentada, é importante realçar aqui o quê foi feito com base nesta metodologia, e como ela contribuiu para o desenvolvimento da primeira parte do presente estudo.

Conhecer o conceito desse método também é importante. Por isso, antes mesmo de descrever como foi a relação desta pesquisa com a revisão tradicional da literatura, vale considerar que tal revisão é constituída por diferentes metodologias, que aplicadas de acordo com a questão de investigação, das metas que devem ser alcançadas, do campo de pesquisa, do tempo que se tem para fazê-la e do grau de profundidade que será considerado na abordagem do assunto (Faustino, 2011).

Em um trabalho que diferencia os tipos de revisão de literatura, a Biblioteca Professor Paulo de Carvalho Mattos, da Faculdade de Ciências Agrônômicas da Unesp (2015) acrescenta que a revisão tradicional de literatura - ou revisão narrativa, como é chamada pela instituição - não possui critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise de materiais. A seleção dos estudos e a interpretação dos conteúdos são, em sua maioria, subjetivos, sendo assim realizados de acordo com os critérios de quem está fazendo a pesquisa. E justamente por ser subjetiva, a busca também não exige o esgotamento das fontes de informação.

É importante destacar que tal busca deve ser acompanhada por uma seleção, leitura e análise dos materiais, e todo esse processo é manual: o investigador/autor da pesquisa que decide que obras vai incluir no seu estudo. É permitido o uso de meios informáticos, como o *Google Scholar*, mas a escolha e o uso do material devem ser totalmente feita pelo responsável pelo estudo (Faustino, 2011).

Mediante o método manual, o investigador/autor da pesquisa ainda pode direcioná-la para o tipo de material, de abordagem, de autor e decidir até o período de tempo a ser utilizado de acordo com o que o estudo exige. “Trata-se de um processo cíclico que depende da pertinência dos temas e das necessidades teóricas construídas pela racionalidade e sensibilidade do investigador onde os materiais bibliográficos vão sendo buscados e analisados pelas necessidades explicativas da pesquisa”, (Faustino, 2011 : 17).

A revisão tradicional de literatura também é adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses e trabalhos de conclusão de curso, segundo frisa o trabalho da Biblioteca Professor Paulo de Carvalho Mattos (2015), e possui uma abordagem mais aberta, sem protocolo. É por isso que tal método foi escolhido para direcionar a primeira etapa deste trabalho.

O primeiro passo dessa etapa foi a busca de conteúdos. A procura utilizou como ferramenta o *Google Scholar*, e contou com algumas palavras-chave relacionadas ao processo de transição

do jornalismo. Para abranger ao máximo tal processo, e de uma forma ampla, como orienta a revisão tradicional de literatura, foram usadas três combinações de palavras - “transição, jornalismo, dados”; “jornalismo, ciência de dados” e “jornalismo, curadoria de dados” - e a combinação “transição, jornalismo, dados” foi a que teve resultados mais eficazes, uma vez que disponibilizou obras (artigos, teses de mestrado e teses de doutorado) que tratavam exatamente do tema proposto.

As outras combinações também disponibilizaram resultados, mas em menor quantidade. Por meio da visualização dos títulos, foram selecionadas 40 obras; em seguida, a leitura de resumos serviu como filtro desses conteúdos, e então foram escolhidos somente 20 materiais.

Vale ressaltar que, durante a seleção, foram priorizadas obras em idioma português com o intuito de concentrar o assunto no âmbito dos países que falam língua portuguesa já na primeira parte do estudo. Apenas um artigo em inglês, intitulado *Journalism in Transition. A matrix to categorize change and innovation*, de Andy Kaltenbrunner, foi considerado fora dessa prioridade, pois é um trabalho recente e aborda exatamente o tema “transição do jornalismo” aqui defendido.

Ainda com relação à atenção do trabalho aos materiais de língua portuguesa, pode-se acrescentar que, embora esse critério tenha sido estabelecido precisamente na segunda parte da pesquisa, com a revisão sistemática da literatura, optou-se em desde já aproximar a abordagem à realidade dos países de língua portuguesa para depois direcioná-la exatamente para Brasil e Portugal, como foi o caso.

No que tange aos materiais, tem-se que cada um deles contribuiu, em maior ou menor intensidade, para o conhecimento e entendimento do processo de transição do jornalismo, o que durou cerca de seis meses (três meses em 2019 e três meses em 2020). Paralelo a eles, foram utilizados livros disponibilizados na internet e sites de pesquisa, que complementaram a abordagem a partir de conceitos e contextualização histórica.

Observa-se que todo passo-a-passo do desenvolvimento da revisão tradicional de literatura salienta o caráter subjetivo dessa metodologia. Desde o período de tempo usado para a seleção e estudo dos materiais até a quantidade de obras selecionadas, a “regra” seguida foi determinada por esta autora - que, por sua vez, não tratou nenhum desses fatores como algo engessado. Ou seja, o tempo utilizado foi o da época de elaboração do projeto, em 2019, e depois o de início da dissertação, em 2020; já a quantidade de obras selecionadas seguiu o

intuito investigativo desta autora, sem maiores critérios estabelecidos.

A revisão tradicional de literatura, portanto, foi a metodologia adequada para a proposta da primeira etapa do presente estudo, e cumpriu com o que era esperado. No seguimento da abordagem, tem-se a revisão sistemática, que com um caráter mais específico e detalhado, poderá proporcionar a melhor compreensão sobre o processo de transição do jornalismo na realidade de Brasil e Portugal.

3.2 Rigor e precisão na pesquisa: revisão sistemática da literatura

A revisão sistemática da literatura foi a metodologia que guiou a segunda etapa deste trabalho, complementando a explanação sobre as transformações sofridas pelo jornalismo com o recorte do contexto de Brasil e Portugal.

Esse recorte revela uma das características de tal método: a especificidade. Mas não é só o caráter específico que define a revisão sistemática. Essa diretriz possui diversas outras características, que além de a consolidarem como tal, a diferenciam das demais metodologias disponíveis.

Pode-se dizer que a revisão sistemática da literatura atribui à revisão tradicional da literatura maior rigor e clareza para a execução da pesquisa. Comumente usada na área da medicina, ela adquiriu maior dimensão, partindo para outras áreas, justamente por garantir base sólida aos estudos que conduz. Além disso, utiliza meios informáticos não só para a busca como também para a seleção das obras (Faustino, 2011).

O que foi mencionado até aqui explicita suficientemente a diferença entre a revisão sistemática e os demais métodos de pesquisa. E essa diferença não acaba por aí: tal revisão também conta com a sistematização em seu processo e segue uma espécie de protocolo que, dentre outros resultados, deve apresentar um conjunto de evidências ou provas acerca do assunto estudado (Faustino, 2011).

Marisa Mancini e Rosana Sampaio (2007) não só ressaltam esse conjunto de evidências entre os resultados da revisão sistemática da literatura como defendem que a metodologia é útil para integrar conteúdos de estudos realizados separadamente, sendo estes conflitantes e/ou coincidentes, e para identificar temas que precisam ser evidenciados - o que pode ajudar nas

investigações futuras.

As autoras ainda afirmam que a revisão sistemática é antecedida por três etapas que, por sua vez, fazem parte do desenvolvimento da mesma. São elas: a definição do objeto de revisão; a identificação da leitura a ser utilizada e a seleção dos assuntos possíveis de serem utilizados (Mancini & Sampaio, 2007). “Essas etapas preliminares são importantes, uma vez que auxiliam os pesquisadores a adequar a pergunta norteadora da revisão com base na informação disponível sobre o tema de interesse “ (Mancini & Sampaio, 2007 : 85).

A pergunta que norteia a revisão sistemática da literatura pode ser considerada como uma referência, ou até mesmo um eixo da metodologia. Por ser tão relevante para o bom desenvolvimento da pesquisa, é importante que essa pergunta seja clara e objetiva, e seja acompanhada de uma estratégia de busca precisa, de critérios de inclusão e exclusão bem definidos e conscientes, e de uma análise criteriosa da qualidade das obras selecionadas.(Biblioteca Professor Paulo de Carvalho Mattos, 2015).

Vale pontuar, diante disso, cada passo que constitui a revisão sistemática da literatura, e que deve ser seguido para que ela seja, de fato, bem sucedida. Marisa Mancini e Rosana Sampaio (2007) reúnem todo processo em cinco etapas, e explicam cada uma delas:

1. Definir a pergunta: a pergunta deve ser clara e bem formulada, como em toda investigação científica;
2. Buscar a evidência: certificar-se de que todas as obras importantes relacionadas ao tema pesquisado estão selecionadas. A busca da evidência começa a partir da definição de termos ou palavras-chave, sendo seguida por estratégias de busca, estruturação da base de dados e outras fontes de informação;
3. Revisar e selecionar os estudos: avaliar os títulos e os resumos de cada material durante o processo de seleção. Os critérios de inclusão e exclusão são baseados na pergunta da pesquisa, que é uma referência na metodologia;
4. Verificar a qualidade metodológica dos estudos: selecionar as obras válidas, observando sempre o que pode comprometer os resultados e análise. Isso vai determinar a qualidade da revisão;
5. Apresentar os resultados: os materiais selecionados podem ser apresentados em um quadro, junto ao autor, ano de publicação da obra e outras variáveis que tenham relação com o tema.

O presente estudo se baseou nessas etapas, utilizando-as como ponto de partida para a revisão sistemática da literatura. E, antes de ser iniciada, tal revisão contou com uma estrutura - ou porque não um projeto - que abriu caminho para o bom desenvolvimento da pesquisa.

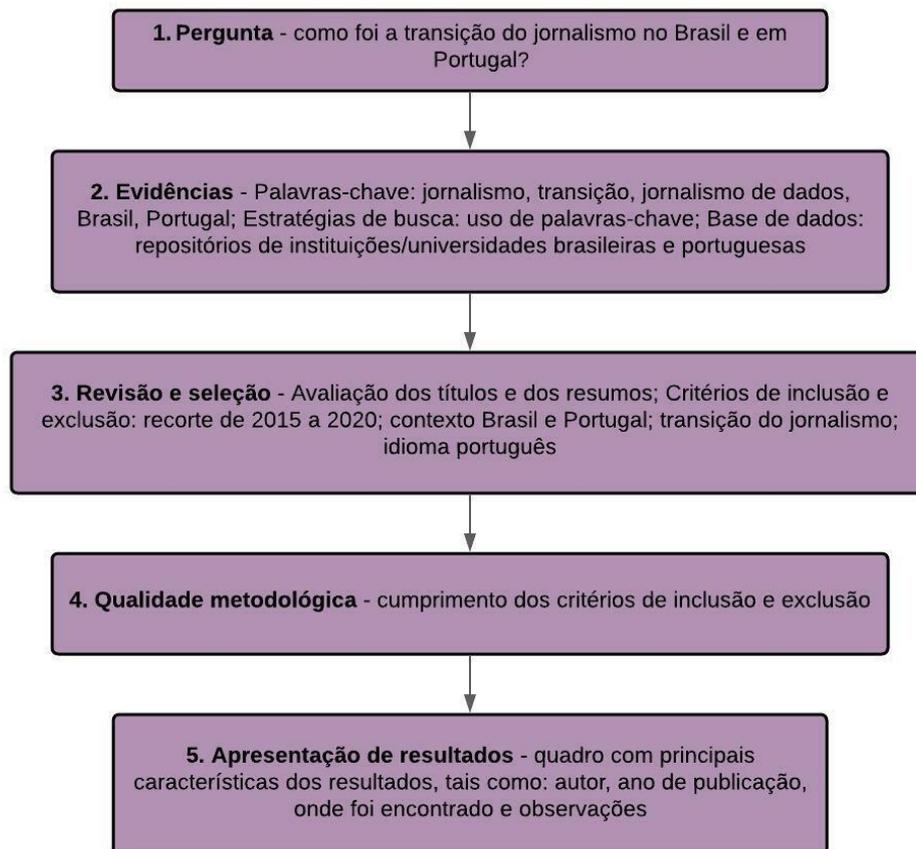


Figura 4: esquema do projeto de revisão sistemática (autoria própria)

No esquema acima, observa-se que cada etapa tem como base a explicação de Marisa Mancini e Rosana Sampaio (2007), bem como todo conteúdo que envolve este trabalho. Na primeira etapa, por exemplo, a ideia central da pesquisa, que é o entendimento do processo de transição do jornalismo, foi integrada a um aspecto mais específico, dado pelo contexto, ou local onde está situado o estudo. Diante disso, foi formulada a pergunta “*Como foi o processo de transição do jornalismo no Brasil e em Portugal?*” e apresentada como questão da investigação de todo trabalho - ou, no caso específico dessa etapa da revisão, como pergunta da pesquisa.

Tal pergunta já norteava, de uma forma mais genérica, a primeira parte do estudo; ao “entrar em cena”, a revisão sistemática a direcionou, especificando-a na realidade brasileira e

portuguesa e posicionando-a ainda mais como eixo da abordagem. E é a partir dessa pergunta que nascem as outras etapas, delineando assim o projeto da revisão sistemática.

As evidências exigidas pela metodologia, inclusive, aparecem logo após a pergunta. Como dito anteriormente, elas são definidas a partir de termos ou palavras-chave, e, além disso, podem determinar outros fatores, como a estratégia de busca e a base de dados que será utilizada.

As palavras-chave *jornalismo*, *transição*, *jornalismo de dados*, *Brasil*, *Portugal* representam as evidências que foram definidas para esta pesquisa. O grupo de palavras foi peça fundamental na busca de resultados, e somente ele foi utilizado. A base de dados dessa busca, por sua vez, foram repositórios de uma instituição de ensino superior e uma universidade brasileiras - A Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - e de duas universidades portuguesas: a Universidade Católica Portuguesa (UCP) e a Universidade Nova de Lisboa (UNL).

Vale destacar que esses repositórios foram escolhidos como base de dados pois, se comparados ao universo do *Google Scholar*, por exemplo, são mais específicos no que se refere ao tipo de resultado disponibilizado e mais confiáveis, tanto por causa das fontes - instituição de ensino superior e universidades - quanto pelo conteúdo apresentado. Ou seja, pode-se afirmar que, como base de dados, os repositórios de instituições de ensino superior e universidades são específicos, precisos e seguros, respondendo ao que é esperado pela revisão sistemática da literatura.

Importante ressaltar também que tais repositórios estão ligados ao contexto Brasil e Portugal, em primeiro lugar, porque a autora do presente estudo nasceu e morou no Brasil durante 32 anos, e hoje mora em Portugal; e em segundo lugar porque os dois países têm, entre tantas coisas, a língua portuguesa como “bem” comum. Instrumento da comunicação, a língua tem um papel essencial na dinâmica da atividade jornalística, uma vez que é a base do ato de comunicar, e, por isso, esse aspecto é tão relevante para este trabalho.

Partindo para a terceira etapa da revisão sistemática, tem-se a revisão e a seleção dos resultados obtidos. Esta fase requer que as obras passem por um processo de avaliação, que obedece determinados critérios, e, em seguida, se estiverem de acordo com todas as demandas do tema abordado, sejam selecionadas.

A revisão e a seleção de resultados desta pesquisa se deu, inicialmente, por meio da avaliação

dos títulos dos materiais disponibilizados mediante a busca nos repositórios. Só foi selecionado pelo título o material que apresentava, nesse título, uma palavra, uma expressão ou palavras que estivessem associadas tanto com a pergunta da pesquisa quanto com as palavras-chave utilizadas na busca.

Após essa seleção prévia, a revisão contou com uma nova seleção. O resumo de cada obra escolhida foi avaliado e, nesse caso, não só as palavras ou expressões foram levadas em conta, mas sim a ideia explorada no resumo. Nessa última filtragem, os resultados que mostraram, através dos resumos, uma abordagem relacionada à pergunta da pesquisa ou às palavras-chave, foram finalmente selecionados.

Todo processo de avaliação dos títulos e dos resumos dos resultados obedeceu alguns critérios de inclusão e exclusão, que são parte do “protocolo” seguido pela revisão sistemática da literatura. No caso do presente estudo, os critérios estabelecidos foram referentes ao recorte de tempo considerado pela pesquisa; o contexto ou local estudado; a intervenção ou ideia central e, por fim, o idioma. Pode-se detalhar, então, como critérios de inclusão e exclusão deste trabalho:

- Recorte do tempo considerado: de 2015 a 2020;
- Contexto ou local estudado: Brasil e Portugal;
- Intervenção ou ideia central: transição do jornalismo;
- Idioma: português.

Para o melhor entendimento desses critérios, vale explicar o que significa cada um deles. O recorte do tempo considerado, por exemplo, determina que apenas os resultados publicados nos repositórios entre 2015 e 2020 é que tiveram os títulos e resumos avaliados. Além disso, para serem selecionados, tais resultados tinham que apresentar um conteúdo em que o contexto tratado fosse do Brasil ou de Portugal, bem como deveriam se aproximar ao máximo da ideia central do trabalho, que é a transição do jornalismo; por fim, tinham que estar escritos em português, por esta ser a língua original dos dois países estudados.

Os critérios de inclusão e exclusão variam de acordo com a revisão sistemática e a pesquisa a ser desenvolvida, e, por isso, torna-se importante frisar que, para o presente estudo, tais critérios aqui demonstrados foram suficientes para o alcance dos resultados estimados.

Para complementar as etapas já mostradas, tem-se as etapas 4 e 5 da revisão sistemática de literatura. Na etapa 4, a revisão se concentra na qualidade metodológica dos resultados; isto é, na validade dos estudos incluídos em cada um deles. Pode-se dizer que, no que tange esta pesquisa, os materiais recolhidos tinham conteúdos válidos e bastante significativos, e todos cumpriram com os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos - o que foi determinante para a identificação dessa qualidade.

Já na etapa 5, finalizando a revisão sistemática, vê-se a apresentação dos resultados. Tal etapa, que será desenvolvida no desenrolar deste capítulo, exige a elaboração de um quadro com todos os resultados obtidos durante a pesquisa. E, para expor o quadro e esses resultados de uma forma mais clara e didática possível, cada um deles contará com referências, tais como: nome do autor, ano de publicação, repositório onde foi recolhido e observações, se houver.

3.2.1 Revisão sistemática na prática: resultados

As cinco etapas da revisão sistemática da literatura descritas acima revelam não só a parte conceitual do processo, explicada pelas autoras Marisa Mancini e Rosana Sampaio, como também a parte da execução dele, destinada a esta pesquisa.

Tal execução, por sua vez, foi relatada na teoria, desde a formulação da pergunta da pesquisa até a apresentação dos resultados. Resta agora demonstrar, através de exemplos práticos, uma outra parte da metodologia utilizada.

Depois que o projeto da revisão sistemática foi estruturado, iniciou-se a busca de resultados. Tal busca, como já foi mostrado, utilizou como base de dados repositórios de quatro unidades de ensino, sendo três universidades e uma instituição de ensino superior: Universidade Católica Portuguesa (UCP) e Universidade Nova de Lisboa (UNL), de Portugal; e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), do Brasil.

Antes de mostrar como se deu a procura nesses repositórios, bem como os resultados obtidos, vale registrar o endereço eletrônico de cada um deles:

- Universidade Católica Portuguesa (UCP) - <https://repositorio.ucp.pt/>
- Universidade Nova de Lisboa (UNL) - <https://run.unl.pt/>
- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - <https://repositorio.ufmg.br/>

- Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) - <https://tede2.espm.br/>

Visto isso, tem-se que a busca por resultados, que ocorreu por meio do uso das palavras-chave já mencionadas, começou no repositório da Universidade Católica Portuguesa (UCP), sem esquecer dos critérios de inclusão e exclusão: o recorte de tempo de 2015 a 2020, o contexto de Brasil e Portugal, a ideia central da transição do jornalismo e o idioma português.

Entre os meses de março e abril deste ano, foram disponibilizados no repositório da UCP 11.656 resultados, sendo que 8 deles estavam duplicados e 4.514 eram de outros idiomas, como ilustra o quadro abaixo. Mediante a avaliação dos títulos, que tem como referência a pergunta da pesquisa e as palavras-chave da revisão, foram escolhidos 26 materiais. Desses 26, 18 foram selecionados após a leitura dos resumos, que seguiu a mesma referência, e 8 foram descartados por apresentarem estudos que fugiam da abordagem deste trabalho. Ainda entre os 18 selecionados, 3 tiveram acesso bloqueado; o acesso chegou a ser solicitado por e-mail, mas não houve resposta, restando então 15 resultados.

É importante salientar, a partir da experiência com o repositório da UCP, dois pontos que marcaram esse início de revisão sistemática e que seguiram marcando a pesquisa nos outros repositórios: o intervalo de tempo citado, como o de março e abril, não foi utilizado apenas para a busca de resultados, mas sim para a recolha, seleção e leitura dos mesmos.

Outro ponto que merece ser lembrado é que os resultados disponibilizados no repositório após o uso das palavras-chave vêm, geralmente, em grande quantidade, e com assuntos bem variados. É por isso que é fundamental a avaliação prévia dos títulos - além de fazer uma boa filtragem de conteúdo, reserva os materiais que tem a ver com a proposta da pesquisa para que depois eles passem por uma nova triagem, com a leitura dos resumos.

No quadro abaixo, é possível ter uma noção do número de resultados disponibilizados em cada ano, e da importância dos critérios de inclusão e exclusão para se chegar a um desfecho mais preciso e enxuto.

Universidade Católica Portuguesa (UCP)						
Anos	2020	2019	2018	2017	2016	2015
Pesquisa	mar/21	mar/21	mar/21	abr/21	abr/21	abr/21
Total	1694	2082	2065	1895	1911	2009
Duplicado	2	1			1	4
Inglês	842	866	767	684	664	590
Espanhol	5	10	5	11	18	22
Francês	1	1	5	5	8	5
Italiano		1				1
Alemão		1			1	1
Seleção	4	7	4	2	6	3

Figura 5: Tabela de resultados da Universidade Católica Portuguesa (autoria própria)

Após a UCP, foi a vez do repositório da Universidade Nova de Lisboa (UNL) ser alvo da revisão sistemática. Entre meados de abril e maio, foram identificados 21.057 resultados - quase 10 mil a mais em relação à UCP. Três deles eram repetidos e 9.770 de outros idiomas.

Universidade Nova de Lisboa (UNL)						
Anos	2020	2019	2018	2017	2016	2015
Pesquisa	abr/21	abr/21	abr/21	mai/21	mai/21	mai/21
Total	3292	3976	3849	3542	3600	2798
Duplicado	2			1		
Inglês	1808	1868	1752	1472	1350	1053
Espanhol	49	38	71	59	62	29
Francês	8	16	15	11	35	21
Italiano	6	11	8	7	6	5
Alemão			1			
Outros	3	1	2	1	1	1
Seleção	7	2	5	2	3	3

Figura 6: Tabela de resultados da Universidade Nova de Lisboa (autoria própria)

Observa-se na tabela acima que os idiomas encontrados nesses repositórios geralmente variam entre o inglês, espanhol, francês, italiano e alemão, sendo o inglês com o maior número de materiais. No entanto, foram identificados no repositório da UNL diversos outros idiomas, tais como esloveno, maltês, russo e até japonês. Por estarem em pouca quantidade, cada um deles foi destinado a um grupo denominado “outros” e assim puderam ser dispostos na tabela.

Com a avaliação de títulos, o total de obras selecionadas no repositório da UNL foi de 22. Destas, 12 foram escolhidas após a análise dos resumos de cada material, e 10 foram deixados de lado por tratarem de temas que não estão associados ao que sustenta esta pesquisa. Os resultados recolhidos no repositório da UNL não tiveram acesso bloqueado.

Vale acrescentar que o repositório da UNL foi escolhido para servir como base de dados, sobretudo, porque a autora do presente trabalho estuda na instituição. Já o repositório da UCP foi considerado para a revisão pois, além de Lisboa, a universidade está presente em outras três cidades - Braga, Porto e Viseu - o que reflete sua significativa abrangência no país.

Partindo para a realidade brasileira, verifica-se o repositório da instituição de ensino superior Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Diferente do que foi apresentado nos dois repositórios anteriores, o número de resultados disponibilizados pela instituição é bem menor; vê-se no quadro abaixo um total de 360 materiais, sendo 3 duplicados e 4 em inglês. Por meio da avaliação de títulos, a pesquisa chegou a 4 obras, que, ao serem lidas, foram prontamente selecionadas - todas exploraram assuntos bastante relacionados com a ideia central da pesquisa, a transição do jornalismo.

Acredita-se que a seleção por unanimidade das obras encontradas no repositório da ESPM se deve ao fato de a instituição ser, dentre outras disciplinas, especializada em cursos de Jornalismo. Esta autora, inclusive, já estudou na ESPM, e também considerou esse fator para escolhê-la como fonte de pesquisa, através de seu repositório.

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)						
Anos	2020	2019	2018	2017	2016	2015
Pesquisa	mai/21	mai/21	mai/21	jun/21	jun/21	jun/21
Total	68	88	82	61	36	25
Duplicado						3
Inglês	1	1		2		
Espanhol						
Francês						
Italiano						
Alemão						
Seleção	2	1	1			

Figura 7: Tabela de resultados da Escola Superior de Propaganda e Marketing (autoria própria)

A escolha da outra fonte, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) não seguiu o “pré-requisito” de ser ou ter sido aluna da instituição. Na realidade, o repositório da universidade foi utilizado como base de dados porque foi um dos poucos que disponibilizou uma quantidade minimamente considerável de resultados na revisão.

Vários outros repositórios de universidades federais brasileiras - o foco eram as universidades federais porque elas são reconhecidas entre as melhores do Brasil, tendo uma posição de prestígio no país, e porque uma instituição particular, a ESPM, já havia sido escolhida - chegaram a ser cogitados; no entanto, enquanto uns apresentavam sistema de acesso próprio e complexo, que destoava da maioria dos repositório já visitados, outros não tinham número relevante de obras ou estavam desatualizados.

O atendimento ao critério de inclusão e exclusão referente ao recorte da pesquisa, que determina a avaliação e seleção de obras que tenham sido publicadas no repositório apenas entre 2015 e 2020, foi fundamental para a escolha do repositório da UFMG, uma vez que muitos não tinham resultados para este período. Visto isso, tem-se que tal repositório disponibilizou 249 resultados, que tiveram seus títulos analisados e levaram a pesquisa à seleção de 1 obra.

Como pode-se perceber no quadro abaixo, não houve material duplicado ou em inglês entre os exibidos pelo repositório. A única obra selecionada foi avaliada pelo resumo, mas acabou não sendo escolhida porque o estudo não tinha a ver com a abordagem da presente pesquisa.

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)						
Anos	2020	2019	2018	2017	2016	2015
Pesquisa	jun/21	jun/21	jun/21	jul/21	jul/21	jul/21
Total	4	45	53	56	41	50
Duplicado						
Inglês						
Espanhol						
Francês						
Italiano						
Alemão						
Seleção				1		

Figura 8: Tabela de resultados da Universidade Federal de Minas Gerais (autoria própria)

Tendo em vista os resultados finais de cada repositório, pode-se afirmar que a revisão sistemática desenvolvida até aqui - que, por sua vez, aparenta ser a parte crucial da metodologia - garantiu a este trabalho 31 materiais. Todos, sendo uns com maior intensidade e outros com menor, trazem em seu conteúdo informações acerca do processo de transição do jornalismo no Brasil ou em Portugal, proporcionando assim um maior conhecimento sobre a trajetória da profissão desde a prática da atividade jornalística tradicional, limitada ao jornal impresso, rádio e televisão, até os dias de hoje, com o jornalismo de dados em evidência, na realidade brasileira e portuguesa.

Para ilustrar essa afirmação, os 31 resultados foram dispostos em três quadros, que, na verdade, simbolizam a quinta etapa da revisão sistemática de literatura: apresentação dos resultados. Cada obra está identificada pelo seu título, e caracterizada por aspectos importantes, tais como nome do (s) autor/autores; ano de publicação e local onde foi encontrada - sendo estes dois últimos referentes ao repositório. Os quadros também tem um espaço para observações, onde estão palavras ou expressões que justificam a seleção do material.

Seguem abaixo os quadros com a apresentação dos resultados desta revisão sistemática. Para efeito de organização, eles estão divididos por repositório (os três quadros indicam os repositórios que tiveram resultados, que, no caso, foram 3 dos 4 utilizados).

Repositório 1: Universidade Católica Portuguesa (UCP)			
Título da obra	Autor (es)	Ano	Observações
O infográfico informativo no futuro do jornalismo	Alexandra Miguel Lacerda	2015	Nova era da comunicação; estudo do jornal O Público
A transmediação de conteúdos jornalísticos: uma análise da SIC notícias interativa	Cláudia Morgado Cristóvão	2015	Transmediação; novas dinâmicas no mercado televisivo português; estudo da SIC interativa
Marketing na imprensa: os jornais na era digital - estudo de caso do jornal i	Steffany Casanova	2015	Tradicional; digital; estudo de caso do jornal i

O jornalismo da era digital: novas práticas e públicos	Inês Daniela Jesus da Silva	2016	Apogeu da internet; redações portuguesas; ambiente digital
O jornalismo na era da convergência	Rafaela Clérigo de Almeida	2016	Produção das notícias; convergência; internet
O Jornalismo em Portugal e desafios da Web 3.0	Rafael Leitão de Paiva Reis	2016	Jornalismo em Portugal; tecnologia, internet; Web 3.0
A era do jornalismo digital: o caso do jornal Expresso que ao semanário juntou uma edição diária	Inês Barrento Rodrigues	2016	Jornalismo; digital; tecnologia; alteração; estudo do jornal Expresso
Do papel ao digital - a extensão do jornal Expresso para web	Joana Gonçalves	2016	Papel; digital; estudo do jornal Expresso
Jornalismo 3.0 e os agregadores de notícias online: novas formas de produção e consumo de notícias em Portugal	Daniela Filipa Real dos Santos	2017	Jornalismo 3.0; notícias online; novas formas e produção, Portugal
Jornalismo digital: as práticas de produção dos conteúdos noticiosos no jornal Observador On Time	Joana Filipa Vaz Cabrita	2018	Jornalismo; era digital; produção; estudo do jornal Observador On Time
Jornalismo digital: o caso NiT	Ana Rita da Silva Ferreira	2018	Jornalismo digital; estudo da revista digital NiT
Jornalismo transmediático: lógicas transmediáticas nas novas práticas jornalísticas - mais que uma história, uma experiência	Ana Teresa Bispo David	2018	Jornalismo transmediático; novas práticas jornalísticas
A influência da comunicação digital na decisão e produção jornalística de notícias de desporto. Casos de estudo: o jornal "A Bola" e o jornal "Record"	Frederico Maria Seruya	2019	Influência da comunicação digital; produção jornalística
A convergência na produção de conteúdos informativos da RTP	Filipa Isabel de Sampaio	2019	Convergência; conteúdos informativos; estudo da RTP
Os conteúdos informativos no website Correio da Manhã	Ana Carolina Vitorino Canha	2020	Conteúdos informativos; produção informativa convergência; hipertexto; estudo do website Correio da Manhã

Repositório 2: Universidade Nova de Lisboa (UNL)			
Título da obra	Autor (es)	Ano	Observações
Jornalismo e internet: um potencial por explorar - o caso da SIC Notícias	Nuno Filipe Batista Belo	2015	Jornalismo; internet; inovações tecnológicas; estudo da SIC Notícias
Políticas, práticas e narrativas do jornalismo radiofónico português na Web	Luís Bonixe	2015	Internet; jornalismo; rádio portuguesa; evolução
Os desafios na produção de conteúdos no jornalismo online: a <i>newsmagazine Sábado</i>	Joana Vicente Pestana	2016	Desafios; jornalismo online; tradicional; digital
A crise nos Media e o Futuro do Jornalismo na Era Digital: O Caso do Correio da Manhã (CM)	Maria Luísa Gonçalves da Costa	2016	Mudanças; digital. jornalismo; estudo do Correio da Manhã
O jornalismo local e as novas tecnologias: O caso português	Rita Pereira Alves dos Santos	2017	Novas tecnologias; jornalismo; reinventar; desafios
A Imposição do Jornalismo Online na Era Digital: O caso da RTP	Joana Raposo Nunes Santos	2017	Jornalismo online; avanço tecnológico; meios de comunicação tradicionais; era digital; estudo da RTP
Jornalismo de Dados em Portugal: um estudo exploratório sobre práticas jornalísticas especializadas	Marco Antônio Gehlen & Jorge Pedro Sousa	2018	Jornalismo de dados; redações jornalísticas em Portugal
O estado do Jornalismo de Dados no cenário luso-brasileiro	Isabella Cristina Moura	2018	Jornalismo de dados; cenário luso-brasileiro
Práticas jornalísticas no meio online. O caso do jornal Público	Filipa Almeida Mendes	2019	Internet; evolução tecnológica; jornalismo; estudo do jornal Público
Jornalismo radiofónico e inovação - uma análise à cobertura de acontecimentos mediáticos	Luís Bonixe	2020	Plataformas digitais; desafios; práticas inovadoras; rádio portuguesa
Para uma história do Jornalismo em Portugal	Carla Baptista & Jorge Pedro Sousa	2020	Jornalismo; Portugal; ciberjornalismo
O legado de Nelson Traquina no estudo dos media e do jornalismo	Cristina Ponte	2020	Jornalismo digital; transição; contexto digital

Repositório 3: Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)			
Título da obra	Autor (es)	Ano	Observações
Jornalismo popular na era da comunicação digital: Um estudo dos jornais <i>Extra</i> e <i>Agora São Paulo</i>	Antonio da Rocha e Silva Filho	2018	Evolução; comunicação digital; jornalismo; estudo dos jornais <i>Extra</i> e <i>Agora São Paulo</i>
Financiamento em projetos de jornalismo nativo digital	Adalberto Wodianer Marcondes da Silva	2019	Transformações do jornalismo tradicional para o digital
Inovação na mídia tradicional esportiva televisiva: O caso da ESPN do Brasil	Renata Soares Netto	2020	Inovação; mídia tradicional; evolução digital; jornalismo; estudo da ESPN do Brasil
O repórter no processo de inovação nos veículos tradicionais de mídia escrita	Daniel Lopes Fernandes	2020	Inovação; mídia escrita tradicionais; transformação; companhias jornalísticas

Figura 9: quadro com resultados obtidos em três repositórios pesquisados (autoria própria)

Embora o número de resultados obtidos nos repositórios das universidades portuguesas tenha sido maior do que o número de obras recolhidas nos repositórios da instituição de ensino superior e da universidade brasileiras, o aspecto quantitativo não foi levado em conta durante a análise desses materiais. O importante para a revisão sistemática da literatura, e consequentemente para a pesquisa, em geral, é o caráter qualitativo; isto é, o conteúdo de cada obra, e a contribuição delas para o conhecimento e entendimento de como se deu o processo de transição do jornalismo no Brasil e em Portugal.

Essa valorização do conteúdo dos resultados selecionados leva a refletir que esta revisão sistemática é relevante não só para o presente estudo, como também para quem vai usufruir dele. Ou seja, considerando que uma das marcas da revisão sistemática da literatura é possibilitar que o estudioso ou investigador tenha acesso a uma pesquisa clara, precisa e objetiva, que atenda a suas demandas e esteja de acordo com o tema estudado por ele, pode-se afirmar que este trabalho, principalmente no que se refere à revisão sistemática, será bastante significativo para quem tem interesse nas discussões ligadas ao jornalismo, tecnologia, transformações sofridas pela profissão nos últimos anos e situação em que ela se encontra atualmente, tanto de modo geral quanto na realidade do Brasil e de Portugal.

Portanto, vale frisar que, para além de toda importância que tem para esta pesquisa, a revisão sistemática desenvolvida tem a finalidade de contribuir com estudos, discussões, análises e trabalhos acerca do tema aqui abordado.

4. Transição do jornalismo - Brasil e Portugal em foco

A revisão sistemática da literatura desenvolvida para o presente estudo proporcionou, por meio do seu protocolo, a realização de uma pesquisa consciente e concentrada, com foco em resultados que pudessem legitimar a proposta defendida, referente às transformações ocorridas no jornalismo na realidade do Brasil e de Portugal.

Tal protocolo, inclusive, foi fundamental para a obtenção de dados precisos e sistematizados; caso outra metodologia, mais usual, fosse a diretriz deste trabalho, não o levaria a tamanha quantidade de resultados com tamanha organização e objetividade.

O passo seguinte à essa “compilação de dados” foi, propriamente, a leitura e análise dos materiais recolhidos. Como dito anteriormente, cada um deles, com maior ou menor intensidade, colaborou com a discussão sustentada neste estudo, o que se pode confirmar no espaço de observações dos quadros que ilustram a apresentação dos resultados - seja por palavras ou expressões, cada obra ratificou a sua relação com a abordagem sobre o processo de transição do jornalismo no Brasil e em Portugal.

E por falar em transição, vale relembrar o conceito dessa palavra, que, diga-se de passagem, é tão significativa para esta pesquisa. Segundo o dicionário Michaelis, transição é o “estágio intermediário entre uma situação e outra”, ou até mesmo a “mudança de uma condição a outra”; já o site Infopédia, mencionado no subcapítulo 2.4, afirma que tal conceito é o “ato ou efeito de passar de um lugar, de um estado ou de um assunto para outro”, ou “passagem que comporta uma transformação progressiva; evolução”.

Todos esses significados, na verdade, trazem a ideia de mudança, transformação, que é o que o jornalismo tem experimentado ao longo desses anos. Antes a profissão era constituída de uma dinâmica voltada para o jornal impresso, o rádio e a televisão, e, a partir do momento que se uniu à internet, deu o primeiro passo para uma série de transformações que vieram a seguir.

Vale reforçar então que, após o jornalismo tradicional, a prática jornalística se adaptou ao universo da tecnologia, representado, na época, pela internet. Em seguida, a atividade passou por mais mudanças, o que culminou no ciberjornalismo, e ficou marcada por características - interatividade, hipertextualidade, multimídia, instantaneidade, ubiquidade, memória e

personalização - e consequências - adaptação de jornalistas às redações digitais, alteração da rotina produtiva, demissões, queda de audiência, queda na receita, corte de gastos, fechamento de organizações - que relativamente perduram até hoje, dependendo do contexto onde ela está a ser praticada.

Com o passar do tempo, e com a evolução tecnológica cada vez mais em evidência, o jornalismo continuou a passar por transformações em seu caminho de transição; seja ao lado dos avanços tecnológicos ou não, a profissão acompanhou as inovações que estavam em fluxo e acabou chegando até o jornalismo de dados, atividade jornalística diretamente ligada à tecnologia e reconhecida como parte da rotina produtiva das redações hoje em dia.

É nítido, portanto, que o jornalismo passou e está a passar por um processo de transição - a afirmativa de que a profissão está a passar por tal processo é baseada no fato de que a tecnologia continua em evolução, e a atividade jornalística a acompanha.

Restam, nesse caso, questionamentos acerca desse processo. A explicação de como ele se deu já foi feita, mediante a abordagem feita ao longo do presente estudo. Mas agora fica a dúvida: essas transformações aconteceram de forma homogênea, em todo mundo? Foram pontuais, isto é, somente em alguns países? Afinal, onde ocorreu, de fato, tal processo de transição do jornalismo?

Tomando como base dois dos três objetivos traçados para esta pesquisa, tem-se que o foco aqui é “identificar a posição do jornalismo e contexto da profissão antes, durante e depois da transição” (objetivo 1) e “caracterizar esse processo nas realidades de Brasil e Portugal” (objetivo 2).

Ou seja, embora seja possível arriscar dizer, por senso comum ou obviedade, que as nações que estão no circuito tecnológico também vivenciaram o processo de transição do jornalismo, não cabe a este estudo apontar em qual contexto ocorreram tais transformações.

O interesse da presente pesquisa, além de explicar e proporcionar o entendimento de como se deu o processo de transição do jornalismo, é identificar como essas transformações aconteceram na realidade do Brasil e de Portugal. Isso porque, como já foi justificado anteriormente, esta autora é brasileira e hoje mora em Portugal, e também porque os dois países

compartilham, dentre outras coisas, uma língua em comum: a língua portuguesa.

A identificação das mudanças ocorridas no jornalismo no contexto brasileiro e português foi realizada e viabilizada pelos resultados obtidos nos repositórios que serviram como base de dados para a revisão sistemática desenvolvida para este trabalho. Ao todo, foram analisadas 31 obras que, mesmo sendo distintas entre si, tiveram como eixo a transição do jornalismo, a passagem do tradicional para o digital ou até mesmo a evolução tecnológica da profissão, e assim contribuíram para um maior conhecimento acerca desse tema.

Na realidade, essa contribuição não culminou apenas no maior conhecimento sobre o processo de transição do jornalismo; ela abriu caminho para uma reflexão sobre o assunto, e, com isso, foi possível desenvolver uma explanação sobre como foi a transformação da atividade jornalística no contexto do Brasil e de Portugal.

Os próximos dois subcapítulos desta pesquisa trazem a explicação sobre tal processo de transição. Constituída por conceitos, citações e afirmações de estudiosos e exemplos, fornecidos por alguns dos estudos de caso trazidos nas obras, tal explicação se propõe somente a apresentar a realidade da profissão em cada país.

O meio onde se deu a transição do jornalismo no Brasil e em Portugal será descrito com base no conteúdo dos materiais obtidos nos repositórios, sem qualquer intenção de fazer uma comparação entre os dois países; isto é, o estudo não é comparativo, e sim tem o intuito de explorar essas realidades e apresentá-las de maneira clara, qualificada e equilibrada a quem for usufruir da abordagem.

4.1 Brasil: como tudo aconteceu no Jornalismo

Antes de explicar como aconteceu o processo de transição do jornalismo no Brasil, é importante realçar que, dos dois repositórios brasileiros utilizados na revisão sistemática da literatura, somente um disponibilizou resultados: o da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), instituição de ensino superior que tem, entre suas especialidades, o Jornalismo, e está localizada no Rio de Janeiro (RJ) e em São Paulo (SP).

Das 4 obras obtidas no repositório da ESPM, 4 foram avaliadas e selecionadas. Embora o

número seja pequeno em comparação ao volume de materiais recolhidos nos repositórios portugueses, deve-se frisar, novamente, que o caráter da análise é qualitativo - ou seja, a importância aqui é a relação do conteúdo da obra com o tema proposto.

Tal relação, por sua vez, será explicitada em cada material. Assim como foi destacado no espaço “observações” no quadro de apresentação de resultados, exposto no capítulo anterior, as palavras, expressões e ideias dos resultados que estão associadas às mudanças ocorridas com o jornalismo, nesse caso no Brasil, serão evidenciadas e debatidas. Mas não só as palavras, expressões e ideias serão exploradas; toda abordagem consistente sobre essa transição que fizer parte da obra será valorizada, o que poderá enriquecer a pesquisa de informações e sustentações sobre as transformações pelas quais a profissão passou nos últimos anos, no Brasil.

Visto isso, tem-se como primeiro resultado a ser explorado a dissertação de mestrado *Jornalismo popular na era da comunicação digital: Um estudo dos jornais Extra e Agora São Paulo*, de autoria de Antonio da Rocha e Silva Filho, publicada no repositório da ESPM no dia 29 de março de 2018.

A obra, que fala sobre uma vertente do jornalismo, o jornalismo popular, aborda o surgimento da internet no Brasil e na atividade jornalística, em geral, pontuando características, consequências e, sobretudo, fatos ocorridos dentro das redações dos jornais Extra e Agora São Paulo, que foram objetos de estudo, e que tem a ver com esse período.

Sendo assim, a partir dessa discussão, o material oportuniza um conhecimento e entendimento mais próximo e real de como se deu a junção do jornalismo e da internet no Brasil, e o primeiro passo do processo de transição da profissão no país. As palavras e expressões *evolução, comunicação digital, jornalismo e estudo dos jornais Extra e Agora São Paulo*, que justificam a seleção desse resultado, refletem bem a abordagem defendida por ele.

Para introduzir tal abordagem, a dissertação traz um panorama do jornalismo nos últimos anos, reconhecendo que, desde a emergência da internet, a profissão começou a passar por “profundas transformações”. O trabalho realça, inclusive, traços da fase em que a atividade jornalística estava se adaptando à rede e ao ciberjornalismo, dada pelo crescente acesso da população ao mundo online, e traços da fase mais atual, em que os avanços tecnológicos viabilizaram o uso de dispositivos móveis que facilitam esse acesso.

Uma vez reconhecendo essas transformações, o material parte para a realidade brasileira, contando que a popularização da internet no Brasil ocorreu em meados dos anos 1990, e provocou queda de audiência e diminuição da receita dos jornais impressos - ou seja, assim como no contexto geral já apresentado nesta pesquisa, a união do jornalismo com a rede aconteceu no final do século XX, e teve, entre outras consequências, uma baixa na audiência e na renda das empresas de comunicação.

Ainda de acordo com o que já foi relatado sobre a relação entre jornalismo e internet, em âmbito geral, tem-se que, inicialmente, a prática jornalística no Brasil só utilizava a rede para difundir o conteúdo dos veículos tradicionais (jornal impresso, rádio e televisão). E, à medida que tal relação foi se consolidando, a nomenclatura adotada para identificar esse período também foi sendo discutida.

Segundo o autor Antonio da Rocha e Silva Filho (2018), a união do jornalismo com a internet ganhou vários nomes, tais como jornalismo na internet, jornalismo digital, jornalismo online, jornalismo em tempo real, ciberjornalismo e webjornalismo. Ao descrever cada um desses nomes, ele considera o ciberjornalismo, e menciona os pesquisadores espanhóis Ramón Salaverría e Javier Díaz Noci como principais defensores do termo: “O pesquisador espanhol define assim seu objeto de estudo: ‘O ciberjornalismo é a especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e sobretudo difundir conteúdos jornalísticos’” (Salaverría, 2005, p.21).

Junto à Ramón Salaverría (2005), a dissertação traz Carla Schwingel (2012) como estudiosa que, da mesma forma, opta pela nomenclatura do ciberjornalismo, definindo-o de modo a explorar a questão dos sistemas de gerenciamento e publicação de conteúdos na internet.

Ciberjornalismo é a modalidade jornalística no ciberespaço fundamentada pela utilização de sistemas automatizados de produção de conteúdos que possibilitam a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas. Seu processo de produção contempla a atualização contínua, o armazenamento e recuperação de conteúdos e a liberdade narrativa com a flexibilização dos limites de tempo e espaço, e com a possibilidade de incorporar o usuário nas etapas de produção. Os sistemas de gerenciamento e publicação de conteúdos são vinculados a bancos de dados relacionados e completos. (SCHWINGEL, 2012 : 37).

Observa-se que, ao considerar o termo ciberjornalismo, Carla Schwingel (2012) salienta as características evidenciadas nessa época. Tais características também são manifestadas na obra, que, assim como foi feito pelo presente estudo, apresenta cada uma delas - interatividade, hipertextualidade, multimidialidade, instantaneidade, ubiquidade, memória e personalização - a partir de conceitos e exemplos de como transformaram o jornalismo nessa fase.

Voltando ao debate sobre a nomenclatura referente à soma jornalismo + internet, deve-se afirmar que, apesar dos diversos nomes possíveis para serem adotados, e do realce para o termo ciberjornalismo, a dissertação define esse período pela expressão jornalismo online.

Por meio da estudiosa Liana Vidigal Rocha (2011), o autor confirma que, no Brasil, o uso da expressão é uma tendência, e significa trabalho realizado “em redes, em que as informações circulam em tempo real e cujo objetivo é a apuração jornalística (pesquisa de conteúdo, recolha de informações e contato com fontes)”. Por ser tendência na realidade brasileira, o material dá preferência à tal expressão.

Partindo das ideias aqui apresentadas, desde a junção do jornalismo com a internet em meados de 1990 até a nomenclatura que expressa tal momento, no contexto brasileiro, tem-se que a primeira publicação jornalística do Brasil a difundir conteúdos na internet foi o Jornal do Comércio, de Recife (PE), em 1994. Na sequência, o Jornal do Brasil foi o primeiro a disponibilizar na rede o jornal na íntegra, de forma gratuita, em 1995.

A obra detalha que, paralelo às características do ciberjornalismo, já lembradas, o jornalismo no Brasil sentiu as consequências dessas mudanças, mediante a alteração da rotina produtiva; da necessidade de adaptação dos jornalistas às redações digitais; da queda da receita e busca pela articulação de novos negócios na profissão; do corte de gastos; das demissões e do fechamento de empresas de comunicação.

Vale acrescentar que, em se tratando das empresas de comunicação brasileiras, houve sim a extinção dos jornais impressos - o Jornal do Brasil, pioneiro na publicação do jornal íntegra, na internet, foi um deles -, bem como a publicação parcial do produto - o jornal Gazeta do Povo, por exemplo, passou a circular só aos finais de semana. Com o passar dos anos, algumas empresas optaram ainda por unificar as redações de jornal impresso com as redações digitais, o que, segundo a dissertação, culmina na prática jornalística da atualidade, com o uso de

sistemas automatizados de produção, dados por banco de dados.

Outra prática atual destacada pela obra é a iniciativa de alguns dos principais jornais brasileiros, como Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo, que têm privilegiado cada vez mais a comunicação digital e a publicação das informações em dispositivos móveis, como os telefones celulares.

O jornal Extra, um dos objetos de estudo da dissertação, é fruto do jornal O Globo e ambos funcionam em uma redação integrada. Segundo o autor Antonio da Rocha e Silva Filho (2018) os jornais funcionam em uma redação multimídia desde 2017, e, na prática, o dia-a-dia é assim: às 7 horas ocorre a primeira reunião, com participação de editores e profissionais de outras áreas, como tecnologia da informação. A produção valoriza áudios, vídeos, infográficos, e, sobretudo, as redes sociais; os jornalistas têm novas funções, e a redação promove cada vez mais a integração entre as equipes que nela trabalham.

Observa-se que o estudo de caso do jornal Extra garante tanto à dissertação como a esta pesquisa a confirmação de que o processo de transição do jornalismo no Brasil é marcado não só pela junção da atividade jornalística com a internet, ou pelo ciberjornalismo, como também pelo acompanhamento das inovações tecnológicas até chegar à prática do jornalismo de dados, representada, entre outras coisas, pela valorização do infográfico e das redes sociais.

Por outro lado, o jornal Agora São Paulo, o outro objeto de estudo do material, não parece ter passado pela mesma experiência. O produto, que é do jornal Folha de São Paulo, até poucos anos atrás ainda servia apenas como reprodutor de informações, sem uso de hiperlinks, sem interação com o público e sem atualização - o que, para a dissertação, revela claramente que os dois jornais estudados têm prioridades diferentes, embora tenham vindo da mesma plataforma, o jornal impresso.

O autor Antonio Rocha e Silva Filho (2018) complementa que, apesar dessa diferença, os jornais Extra e Agora São Paulo “vivem momentos importantes de transição”. Ou seja, o processo de transição do jornalismo é reconhecido, mostrando que a realidade do Brasil é similar à que foi apresentada por este trabalho, em uma apresentação mais generalizada, mas não é homogênea entre as empresas de comunicação.

Voltando-se agora para outro resultado, intitulado *Financiamento em projetos de jornalismo nativo digital*, percebe-se uma abordagem sobre a relação entre jornalismo praticado no meio digital e possíveis financiamentos para tal prática, passando pela explicação das transformações ocorridas da fase do jornalismo tradicional até hoje.

Esta dissertação de mestrado, de autoria de Adalberto Wodianer Marcondes da Silva, foi publicada no repositório da ESPM em 29 de abril de 2019 e chamou a atenção do presente estudo pela expressão *transformações do jornalismo tradicional para o digital*, que manifesta uma atenção sobre o processo de transição experimentado pela profissão.

É importante salientar que, apesar de não especificar nenhum veículo de comunicação ou jornal brasileiro ao relatar tais transformações, o material afirma, ao falar sobre sua metodologia, que é baseado em um levantamento bibliográfico e em uma pesquisa qualitativa conduzida por entrevistas com empreendedores e editores de mídias digitais do Brasil.

Pode-se mostrar então que, ao falar sobre a passagem do jornalismo tradicional para o digital, o autor Adalberto Wodianer Marcondes da Silva (2019) apresenta uma definição sobre jornalismo. Segundo ele, Kovach e Rosenstiel (2001 : 16) afirmam que “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem”, e, por isso, o jornalismo deve ser uma ferramenta da sociedade para o controle e fiscalização do poder.

A partir daí, a dissertação considera que as duas últimas décadas do século XX foram bastante relevantes para o jornalismo tradicional no Brasil. A obra relata que o momento era do enaltecimento de periódicos e novos projetos editoriais, e que tudo era direcionado pelo modelo de negócio verticalizado, isto é, a produção, vendas e distribuição das informações concentradas nas empresas de comunicação.

Com a união do jornalismo com a internet, em meados dos anos 1990, a profissão dá o primeiro passo rumo à transição e, com a consolidação do ciberjornalismo, começa a ser impactada pelas características e consequências oriundas dessa mudança. A dissertação traz, entre outras considerações, a comparação entre os custos de distribuição do jornal impresso e do jornal online: no jornal impresso, os custos de logística contavam com gráficas, caminhões e todo aparato físico para a venda de jornais e revistas; já no online, utiliza-se apenas sites, blogs,

redes sociais, e-mails e softwares de mensagens.

O jornalismo digital também tem algumas de suas vantagens reconhecidas quando o material fala sobre seu caráter inovador, que leva a uma constante transformação, bem como sobre sua rapidez e dimensão. “Uma notícia publicada em uma mídia digital pode ser lida em qualquer lugar do mundo em que haja um ponto de acesso à internet...Além disso, essa notícia pode ser replicada por leitores em seus perfis de redes sociais, o que aumenta significativamente seu alcance” (Silva, 2019)

A discussão sobre a transição do jornalismo do meio tradicional para o meio digital leva ainda à reflexão sobre uma possível crise sofrida pela profissão, e sobre oportunidades garantidas a partir desse processo. O autor Adalberto Wodianer Marcondes da Silva (2019) pontua que, com as transformações, a sociedade teve uma percepção de que a profissão estava em crise, mas, na verdade, a crise não é da atividade jornalística, e sim de seus modelos de negócios, tecnologias e formatos. Ele reconhece ainda que a rotina produtiva da atividade jornalística passou por muitas mudanças, mas que a mais radical foi a mudança nos modelos de captação de recursos.

Já com relação a oportunidades, a dissertação afirma que com a consolidação do ciberjornalismo e o acompanhamento dos avanços tecnológicos pela profissão, surge uma possibilidade da formação de novos meios e da abertura de outras visões de negócio para sustentar o novo paradigma do jornalismo. E por falar nesse contexto de inovação, deve-se frisar que, além de falar sobre jornalismo tradicional, jornalismo digital (ou ciberjornalismo) e considerar o processo de transição experimentada pela profissão, a obra pontua algumas marcas do jornalismo digital em vigor hoje, com o trabalho com redes sociais e algoritmos.

Com palavras e expressões como *inovação*, *mídia tradicional*, *evolução digital*, *jornalismo*, o resultado a seguir, *Inovação na mídia tradicional esportiva televisiva: O caso da ESPN do Brasil*, faz um *estudo de caso da ESPN do Brasil*, na tentativa de compreender como a empresa tem se adaptado à constante transformação característica do mercado midiático, e quais são os sintomas de inovações que podem ser identificados na dinâmica de produção de conteúdo, nos processos organizacionais e nos modelos de negócio da organização.

Nesse caso, tem-se que tal abordagem foi feita em uma dissertação de mestrado, com autoria de Renata Soares Netto, e publicada no repositório da ESPM no dia 30 de março de 2020. Junto

à discussão acerca do impacto da transição do jornalismo, dada pelos avanços tecnológicos, na ESPN do Brasil, a obra traz vários conceitos e reflexões importantes, e que têm a ver com o tema desta pesquisa.

Partindo da definição dos conceitos, pode-se ressaltar a ideia de inovação. Segundo a autora Renata Soares Netto (2020), Joseph Schumpeter (1982) foi um dos pensadores pioneiros nesta definição, considerando um produto inovador como “um novo bem ou uma nova qualidade de um bem, um novo método de produção, um novo mercado, uma nova fonte de suprimento, ou uma nova estrutura organizacional que pode ser resumida em fazer as coisas de maneira diferente”.

Ao unir essa ideia ao jornalismo, a dissertação defende que a profissão é uma atividade humana que tem sido associada à inovação social, que, conseqüentemente, está atrelada à evolução. Essa associação é baseada na noção de que, ao selecionar pautas e assuntos para serem produzidos e transmitidos para o público, a atividade jornalística satisfaz as necessidades humanas, e assim promove a inclusão de quem se sente excluído ou marginalizado.

Considerando o jornalismo e a inovação em um contexto mais específico, o da mídia televisiva, aqui representada pela ESPN Brasil, pode-se descrever que desde 1989 a empresa estava ampliando a sua estrutura de canais e, com o advento da internet, as transformações viabilizadas pelas inovações a transformaram em uma empresa multiplataforma: tem quatro canais pagos; um site de notícias multiesportivas; dois aplicativos e contas nas principais redes sociais do Brasil.

A autora Renata Soares Netto (2020), reconhece a importância da internet não só para o desenrolar desse processo, como também de outros que impactaram o jornalismo esportivo. “A internet só acelerou o papel da mídia esportiva de ser pioneira em novidades tecnológicas”, frisa.

A internet e as inovações, por sua vez, não impactam apenas a parte estrutural de uma empresa, como foi no caso da ESPN Brasil. Segundo a dissertação, diversas dinâmicas de produção de conteúdo jornalístico são consideradas inovadoras, utilizando, entre outras técnicas, o jornalismo de dados e ferramentas com inteligência artificial. A obra reforça ainda que o uso do jornalismo de dados tem sido crescente, e cada vez mais importante, uma vez que, ao

trabalhar com os dados, fornece informações com contexto e clareza.

A obra realça, de fato, a influência da inovação na atividade jornalística, em especial na empresa ESPN Brasil. Entretanto, pondera que, ao mesmo tempo que é significativa, marcante, a inovação é efêmera; isto é, algumas vezes não dá tempo para que a empresa ou veículo se adapte bem a ela. “...a conclusão óbvia e imediata que se faz concreta é que todos os conceitos de inovação nessa área envelhecem muito rapidamente, dada a velocidade com que as coisas que eram tendências ontem deixam de ser hoje” (Netto, 2020).

O importante, nesse caso, é que assim como é defendido neste trabalho, tal dissertação reconhece o processo de transição que faz parte da trajetória do jornalismo, e confirma que as inovações ou avanços tecnológicos estão presentes nesse caminho, uma vez que a profissão os acompanha e busca uma adaptação a eles de acordo com a própria demanda e com a demanda do meio que está a sua volta.

Ainda sob a ótica da inovação, tem-se o último resultado obtido no repositório da ESPM: *O repórter no processo de inovação nos veículos tradicionais de mídia escrita*, dissertação de mestrado elaborada pelo autor Daniel Lopes Fernandes, e publicada na base de dados no dia 19 de março de 2020.

A obra, que traz palavras e expressões como *inovação, mídia escrita tradicional, transformação, companhias jornalísticas*, explora o papel do repórter nos processos de inovação de empresas tradicionais de mídia impressa brasileiras. E, ao levantar esse debate, apresenta conceitos importantes não só para a sua abordagem, como para a abordagem deste estudo.

Iniciando tal apresentação, tem-se o conceito de inovação. O autor Daniel Lopes Fernandes (2020) afirma que, de acordo com o Manual de Oslo (2005), inovação é algo novo que possa ser colocado em prática. “Uma inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas”. (Manual de Oslo, 2005, p. 55).

Em contrapartida, Fernandes (2020) pontua os fatores que podem sufocar a inovação - tais

como a dominância de relacionamentos verticais restritivos; comunicações laterais precárias; ferramentas e recursos limitados; ordens de cima para baixo; veículos de mudança restritos e formais; reforço da cultura de inferioridade; atividade inovadora sem foco, entre outros - e a crítica comum feita a ela, relacionada ao caráter obsessivo que pode envolvê-la, caso seja demasiadamente explorada em uma organização.

Junto ao conceito de inovação, pode-se colocar também a definição de repórter. A dissertação caracteriza-o como o indivíduo que surge na esteira do aparecimento da reportagem enquanto “narrativa da observação direta realizada pelo autor presente” (Souza, 2010, p.10), ou simplesmente como “pessoas que podem viver exclusivamente da profissão de jornalista, não mais médicos, advogados, políticos ou escritores que também escreviam “ (Elias, 1995, apud Souza, 2010).

A partir dessas concepções, é possível analisar a relação entre inovação, mídia (ou empresas de comunicação) e repórteres (ou, generalizando, jornalistas). A inovação, que é dada pelos avanços tecnológicos que surgem no meio social, com o passar dos anos, influencia a mídia à medida em que a acompanha, ou se adapta a ela. Ou seja, a inovação não significa apenas o descarregamento de tecnologia sobre as empresas de comunicação; ela provoca transformações maiores, desenvolvendo a mídia assim como a própria mídia já contribuiu para seu desenvolvimento.

Já a relação do repórter ou jornalista com esse contexto é retratada pela dissertação mediante a identificação de agentes de inovação na mídia. Segundo a obra, tais agentes são representados por atores, actantes e audiências; entre os atores, estão jornalistas, técnicos e pessoas envolvidas diretamente com a área comercial da empresa de comunicação; programadores, desenvolvedores web, cientista de dados, administradores de dados, gerentes de produtos e designers de sistemas; e profissionais de marketing, vendedores, gerentes de relacionamento com leitores - o que revela o circuito cada vez mais plural em que o jornalista e o jornalismo se encontra ao ser influenciado pela tecnologia.

Os actantes, por sua vez, são “o objeto material notado pela sua associação com os atores humanos e as atividades que realizam em conjunto com esses objetos” (Lewis; Westlund, 2014). E, por fim, tem-se a audiência, que pode ser considerada como um espaço útil para contribuir com o ecossistema da mídia, e não apenas para o entendimento sobre como essa

audiência consome mídia (Lewis; Westlund, 2014).

Além dessas definições, a dissertação se apegua também a questões mais específicas, como a mudança que a inovação provoca na rotina produtiva do jornalista. A obra ressalta que tal profissional acaba sendo forçado a se adaptar a uma nova realidade de mercado de trabalho e a se tornar cada vez mais completo para atendê-lo, formando assim a figura do jornalista multitarefa ou repórter multimídia, - profissional que, por exemplo, grava áudio, vídeo, escreve o texto, tira fotografia e publica a informação na rede social, ao mesmo tempo - uma das consequências do ciberjornalismo sinalizadas aqui anteriormente.

Outra questão levantada pelo autor Daniel Lopes Fernandes (2020) e que deve ser realçada é a do corte de gastos nas empresas de comunicação. Segundo ele, o corte de gastos culmina no corte de pessoas, isto é, demissões, e tudo isso representa algumas das consequências do ciberjornalismo. E é importante frisar que, apesar de essas consequências terem surgido há alguns anos, com a consolidação do ciberjornalismo, algumas delas vigoram até hoje.

Com base nessa discussão e na análise trazida pela dissertação acerca do papel do repórter nos processos de inovação de empresas tradicionais de mídia impressa brasileiras, pode-se afirmar que a relação que o repórter ou jornalista estabelece com a inovação e toda sua influência na rotina produtiva da profissão e, em âmbito maior, na empresa de comunicação, é de que além de executar as funções básicas, características do jornalismo tradicional, tais como apurar e escrever, ele também deve executar, na prática, atividades relacionadas à tecnologia, como visualização de dados e interpretação de métricas. ou seja, como a própria obra defende, o jornalista ainda não compreende o lado comercial da inovação na mídia.

Diante disso, a dissertação relata que, na visão dos gestores das empresas de comunicação, o jornalismo está em mutação e o repórter participa desse processo de mudança; no entanto, não está preparado para ela. “Os gestores concordam que o repórter entende a importância da inovação, mas precisam desenvolver novas habilidades. Por fim, o repórter deve ‘se misturar’ com outros profissionais, como os de tecnologia” (Fernandes, 2020 : 83). Respondendo a essa visão, a própria obra conclui que a preparação descrita pelos gestores requer uma maior capacitação dos jornalistas, que, nesse caso, teria que ser garantida pelas empresas.

Tal conclusão, na verdade, reflete o contexto que tem sido identificado nos dias atuais: as

empresas que trabalham com jornalismo de dados na rotina produtiva contam não só com jornalistas como também com outros profissionais, como os de tecnologia, para tratar os dados e apresentá-los em forma de informação para o público. Portanto, considera-se que, junto à discussão sobre inovação, mídia e jornalista, tal dissertação traz aspectos do processo de transição do jornalismo, desde o momento em que a profissão se uniu à internet até hoje.

Observa-se então que cada resultado selecionado no repositório da ESPM contribuiu, direta ou indiretamente, com informações, discussões e análises que envolvem o processo de transição do jornalismo. Vale destacar, inclusive, que esse processo é reconhecido por todos eles, e que tal premissa foi fundamental para o presente estudo. Resta agora conhecer um pouco das obras selecionadas nos repositórios das universidades portuguesas e assim garantir o entendimento das transformações experimentadas pelo jornalismo até hoje, nas realidades do Brasil e de Portugal.

4.2 Transição, jornalismo e Portugal: conhecendo o processo

Para apontar toda a contribuição que os resultados dos repositórios das universidades portuguesas garantiram para esta pesquisa, é válido reforçar que, diferentemente do que se viu no repositório da instituição de ensino superior brasileira ESPM, que apresentou quatro resultados, tem-se agora 27 obras. Como o número é muito superior ao que foi trabalhado anteriormente, esse conjunto de obras será explorado de modo diferenciado, dado pelo tipo de cada trabalho; isto é, estarão divididos entre livros, artigos, relatórios de estágio e dissertações de mestrado, e analisados a partir da abordagem em comum entre eles.

Vale ratificar ainda que cada material tem como conteúdo essencial palavras e expressões que foram selecionadas e dispostas no espaço “Observações”, no quadro de cada repositório. Já a explanação dos assuntos analisados não será alvo de comparação com os assuntos resultantes das obras vindas do Brasil; eles serão apenas apresentados para que o estudioso ou investigador os apreenda e tire as próprias conclusões.

Tendo em vista essa preparação, pode-se iniciar o debate acerca das contribuições sobre o processo de transição do jornalismo a partir do livro *Para uma história do Jornalismo em Portugal*, organizado por Carla Baptista e Jorge Pedro Sousa e publicado em 2020 pelo

Instituto de Comunicação da Nova (ICNOVA), da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (UNL) - foi, inclusive, encontrado no repositório da UNL. Como a obra não possui resumo, ela foi avaliada através do índice, que traz, em sua última parte - parte VII - a História do Ciberjornalismo em Portugal.

Entre os dois artigos apresentados nessa parte, o que chamou a atenção foi o primeiro, intitulado *Ciberjornalismo em Portugal: narrativas visuais para nativos digitais*, de autoria de Maria Assunção Gonçalves Duarte. Além de ter se revelado como conteúdo de referência para esta pesquisa, apenas por ter as palavras *jornalismo, ciberjornalismo e Portugal*, o artigo expõe um panorama de como a atividade jornalística acompanhou os avanços tecnológicos em Portugal.

O material se concentra, por exemplo, no uso do infográfico, que é um elemento característico da inovação no jornalismo, explorando a relevância do jornalismo de dados nesse processo. Ao introduzir essa abordagem, ele adianta que tal uso começou mediante a importação de infografia estrangeira, e que só depois o país investiu na própria produção.

Antes de falar sobre essa produção, a autora Maria Assunção Gonçalves Duarte ainda traça o processo de transição da profissão, citando investigadores como Helder Bastos, Fernando Zamith e João Canavilhas, importantes fontes deste estudo, como compositores da história do ciberjornalismo em Portugal.

Assim como foi relatado na primeira parte deste trabalho, Duarte (2020) divide as mudanças ocorridas no jornalismo em fases: inicialmente, os veículos de comunicação tradicionais (jornal impresso, rádio e televisão) usavam a internet apenas para difundir o conteúdo que produziam; depois, com a consolidação do ciberjornalismo, surgem os jornais online, bem como as características e consequências desse período; e por fim houve o reflexo dessas transformações sofridas pelo jornalismo, e a adaptação da profissão a essa nova realidade.

Apesar do reconhecimento das características e consequências provenientes do ciberjornalismo, o artigo detalha que esses aspectos se depararam com entraves em Portugal, motivados pelo conservadorismo e pelo modelo de negócio em vigor nas empresas de comunicação da época. Mas, com o passar dos anos, a atividade jornalística passou a acompanhar de fato os avanços tecnológicos, e assim outros elementos começaram a ser identificados: jornalismo multiplataforma, monitoramento de métricas nas redações, uso do

paywall para acesso aos jornais, entre outros.

Percebe-se, por meio da leitura do artigo, que a atividade jornalística em Portugal passa por um nítido processo de transição até chegar à atualidade, sustentada aqui como momento da valorização do jornalismo de dados e da dinâmica da Quarta Revolução Industrial ou Indústria 4.0. E, como dito anteriormente, a obra explora os acontecimentos acerca do infográfico, que é um dos elementos característicos desse contexto.

Após a fase de importação da infografia estrangeira, Portugal criou os próprios tipos de infográfico. Segundo Duarte (2020), no âmbito da mídia impressa o texto e a imagem são indissociáveis, mostrando a informação de forma estática; já no meio digital, texto e imagens são mais independentes, com grafismo animado, podendo ter sistemas interativos na demonstração do conteúdo.

Deve-se ressaltar, entretanto, que o uso de infográficos nos veículos de comunicação começou há poucos anos - o artigo frisa que teve dificuldades de encontrar trabalhos infográficos anteriores a 2016. Já o jornalismo de dados, que é associado a tal uso, é situado pela autora Maria Assunção Gonçalves Duarte em um outro período: segundo ela, o tratamento de dados praticado na atividade jornalística é mais evidenciado antes de 2016, mas não deixou de fazer parte da rotina produtiva da profissão no país.

A autora lembra ainda do impacto do jornalismo de dados e da infografia no papel do jornalista, frisando o acúmulo de funções - como de designer e programador, que até então não existia dentro das redações - ou a mudança de funções desses profissionais. “A inovação e a quantidade de trabalhos publicados, passou a espelhar-se mais no entusiasmo e no esforço autodidata destes profissionais, que se “apaixonarem” pelo formato, abraçando novas ferramentas de trabalho e produzindo por iniciativa própria, do que na desconfiança e conservadorismo demonstrado por editores e administrações” (Duarte, 2020 : 597).

Vê-se então que o artigo retrata significativamente o processo de transição do jornalismo na realidade portuguesa, considerando desde a junção da atividade jornalística com a internet, e posterior consolidação do ciberjornalismo, até os anos mais recentes, quando o jornalismo de dados e a infografia ficaram mais evidentes na profissão. Duarte (2020) acrescenta que a infografia continua a desempenhar um papel importante na criação de conteúdo jornalístico, e

reconhece que, assim como a tecnologia, o infográfico - e conseqüentemente o jornalismo - seguirão juntos rumo à constante evolução.

No seguimento da reflexão relacionada às transformações experimentadas pela atividade jornalística até hoje, salienta-se também os quatro artigos recolhidos no repositório da UNL:

1. Políticas, práticas e narrativas do jornalismo radiofônico português na Web, de Luís Bonixe, publicado em setembro de 2015;
2. Jornalismo de Dados em Portugal: um estudo exploratório sobre práticas jornalísticas especializadas, de Marco Antônio Gehlen e Jorge Pedro Sousa, publicado em 2018;
3. Jornalismo radiofônico e inovação - uma análise à cobertura de acontecimentos mediáticos, de Luís Bonixe, publicado em 01 de janeiro de 2020;
4. O legado de Nelson Traquina no estudo dos media e do jornalismo, de Cristina Ponte, publicado em 21 de outubro de 2020.

Embora tenham trazido à tona palavras e expressões associadas a essas transformações mas distintas entre eles, os artigos manifestam a ideia em comum da relação do jornalismo com a internet ou meio digital e com inovações, sinalizando um reconhecimento do processo de transição da profissão, e realçando as redações e os veículos de comunicação nesse contexto. No que diz respeito às rádios, por exemplo, tem-se, em uma perspectiva mais generalizada, a identificação de mudanças que fizeram com que esses veículos hoje estejam presentes em plataformas digitais, sites, aplicações, dispositivos móveis e redes sociais - inovações estas que fizeram com que elas fossem difundidas na sociedade.

Em Portugal, a influência dos avanços tecnológicos nas rádios, por sua vez, culminaram no uso de várias ferramentas, tais como fotografia, fotogalerias, vídeos, infografias estáticas e animadas, informação gráfica, espaço para a contribuição das audiências, geolocalização e timeline para eventos cronológicos (Bonixe, 2020).

Vale destacar que foi a partir da visita do Papa Bento XVI ao país que as rádios portuguesas despertaram para o uso da internet, marcando presença nesse contexto com coberturas multimídia e multiplataforma. E, assim como elas, outros veículos também foram influenciados pelas inovações que seguiam, reforçando o contínuo acompanhamento e evolução do jornalismo português em seu processo de transição.

Por falar em inovação, alguns dos artigos listados acima realçam tal conceito - que, apesar de já ter sido explorado, pode incrementar este subcapítulo. Nesse caso, considera-se que “a inovação é motivada pelo desenvolvimento tecnológico e inclui a criação de novos produtos, o melhoramento dos já existentes, a introdução de um novo método de produção ou, ainda, a abertura de um novo mercado” (Bonixe, 2020).

Mais do que um caráter da tecnologia, a inovação vai além no caso da mídia: ela gera impacto social e estimula o desenvolvimento de novas práticas de produção. Já entre as consequências, também mencionadas em algumas das obras, estão a mudança do papel dos jornalistas, da rotina produtiva da atividade jornalística, dos modelos de negócios - que, de forma semelhante, são reconhecidas aqui como consequências do ciberjornalismo, e que perduram, em maior ou menor intensidade, até hoje.

Diretamente ligado à inovação, o jornalismo de dados e seu caráter “moderno” ou “tecnológico” também aparece entre os artigos. De acordo com Marco Antônio Gehlen e Jorge Pedro Sousa (2018), Träsel (2014) o define como uma modalidade jornalística que vem aplicando técnicas computacionais e científicas para apuração, edição, publicação e circulação de produtos jornalísticos, e tais práticas são vistas como capazes de ampliar a capacidade investigativa dos jornalistas sobre acontecimentos e questões diversas.

Ao fazer parte da rotina produtiva da atividade jornalística, o jornalismo de dados produz conteúdos que podem ser veiculados em forma de textos, narrativas hipertextuais, visualizações gráficas ou audiovisuais ou até por meio de aplicativos de notícia, revelando-se, inclusive, como prática que garante às informações maior precisão e fundamentação, de acordo com o que é publicado. E, ainda segundo Gehlen e Sousa (2018), para ser executado o jornalismo de dados depende da capacitação de jornalistas - ou, como já relatado, do acúmulo de função desses profissionais.

Träsel (2014) ressalta que, conforme mais dados são disponibilizados na rede mundial de computadores, haverá crescente demanda para transformá-los em informação palpáveis para o público, bem como por aplicativos que proporcionem o consumo dessas narrativas, principalmente, em dispositivos móveis como smartphones. Esse cenário provocará, por consequência, novas necessidades no modo como os dados são acessados, processados, apresentados e publicados, e parte dessas demandas, no que se refere aos conteúdos jornalísticos, deve ter reflexos na necessidade de capacitação dos profissionais do jornalismo para atuarem com dados (Gehlen e Sousa, 2018 : 128).

Ou seja, a prática do jornalismo de dados requer, de preferência, a integração de diversos profissionais, como repórteres, programadores, infografistas, diagramadores, estatísticos, que depende, obviamente, da pauta a ser trabalhada e do contexto da redação em que esse trabalho está a ser executado. Em Portugal, por exemplo, é comum que os repórteres atuem tanto junto a reportagens tradicionais quanto junto ao jornalismo de dados.

Saindo da figura do jornalista e voltando-se para o infográfico, que como já foi abordado é um dos elementos mais lembrados quando se trata de jornalismo de dados, tem-se que o jornalismo de dados praticado em Portugal é multitemático e publicado em diversas plataformas, podendo assim trabalhar com qualquer tipo de infográfico. Portanto, é importante salientar que, assim como o próprio jornalismo de dados, que é uma prática que tem refletido a influência dos avanços tecnológicos na realidade portuguesa, o infográfico desponta como um elemento com características que usufruem dessa tecnologia, e mostram que o jornalismo do país está caminhando junto à evolução no seu processo de transição.

Participando também dessa explanação, o grupo formado pelos relatórios de estágio encontrados nos repositórios da UCP e da UNL vêm com variados conceitos e ideias que ajudam no debate acerca das mudanças ocorridas no jornalismo e são legitimados por experiências vividas dentro de veículos de comunicação.

Ao todo, foram selecionados 12 relatórios de estágio, que, além de sustentarem teoricamente o conteúdo que trazem, relatam a vivência na prática, desenvolvida em jornais impressos, jornais online, revistas e televisões. São eles:

1. A transmediação de conteúdos jornalísticos: uma análise da SIC notícias, de Cláudia Morgado Cristóvão, publicado em 06 de fevereiro de 2015;
2. Marketing na imprensa: os jornais na era digital - estudo de caso do jornal i, de Steffany Casanova, publicado em 23 de fevereiro de 2015;
3. Jornalismo e internet: um potencial por explorar - o caso da SIC Notícias, de Nuno Filipe Batista Belo, publicado em 09 de novembro de 2015;
4. O jornalismo na era da convergência, de Rafaela Clérigo de Almeida, publicado em 22 de janeiro de 2016;

5. A era do jornalismo digital: o caso do jornal Expresso que ao semanário juntou uma edição diária, de Inês Barreto Rodrigues, publicado em 06 de maio de 2016;
6. Os desafios na produção de conteúdos no jornalismo online: a newsmagazine Sábado, de Joana Vicente Pestana, publicado em 10 de outubro de 2016;
7. A crise nos Media e o Futuro do Jornalismo na Era Digital: O Caso do Correio da Manhã (CM), de Maria Luísa Gonçalves da Costa, publicado em 10 de outubro de 2016;
8. A imposição do Jornalismo Online na Era Digital: O caso da RTP, de Joana Raposo Nunes Santos, publicado em 25 de julho de 2017;
9. Jornalismo digital: as práticas de produção dos conteúdos noticiosos no jornal Observador On Time, de Joana Filipa Vaz Cabrita, publicado em 29 de janeiro de 2018;
10. Jornalismo digital: o caso NIT, de Ana Rita da Silva Ferreira, publicado em 31 de julho de 2018;
11. Práticas jornalísticas no meio online O caso do jornal Público, de Filipa Almeida Mendes, publicado em 17 de janeiro de 2019
12. A convergência na produção de conteúdos informativos da RTP, de Filipa Isabel de Sampaio, publicado em 07 de março de 2019.

Em meio ao assunto que abordam, todos, de forma unânime, reconhecem a transição da atividade jornalística como um processo que fez e ainda faz parte da história da profissão, bem como entendem que as transformações não pararam, visto que o jornalismo continua a acompanhar os avanços tecnológicos que emergem no ambiente social. Diante disso, o grupo será exposto de modo geral, mediante alguns dos temas que levantaram e que, por sua vez, enriqueceram a discussão desta pesquisa.

Entre os temas levantados está a convergência. No contexto jornalístico, ela significa a difusão de conteúdos em diferentes meios, isto é, multiplataforma, para um público em comum. Tais conteúdos, por sua vez, não são obrigatoriamente iguais, podendo, inclusive, se complementarem ao serem difundidos nos veículos de comunicação.

Designada em um dos materiais como um “fenômeno”, a convergência só é possível devido às inovações, juntamente com a internet já estabelecida na atividade jornalística. E, ao viabilizar essa ampla distribuição de informações entre os veículos, acaba impactando não só o conteúdo a ser divulgado, como também a rotina produtiva do jornalista e da profissão.

Vale frisar que a convergência é considerada um aspecto favorável para a dinâmica das redações digitais, uma vez que, além de proporcionar novos métodos de produção de informação, integra variadas plataformas de comunicação - aponta-se aí, junto ao jornal impresso, à rádio e à televisão, os sites, as redes sociais e os dispositivos móveis. Os relatórios acrescentam que, no entanto, tal aspecto enfrenta desafios, pois alguns veículos - nenhum deles foi citado - têm dificuldade em abandonar os métodos de produção de informação tradicionais.

Paralelo à ideia de convergência e menos comum entre os veículos, está a transmediação. Segundo os relatórios apresentados, ela pode ser definida como a incorporação de conteúdos e meios de comunicação de forma simultânea, no sentido de realçar a colaboração do espectador ou usuário, que assim passa a assumir um papel ativo no fluxo de informação.

Ou seja, representa a adaptação de uma narrativa nas diferentes plataformas, com a participação do espectador ou usuário. Nesse caso, o caráter multiplataforma continua, mas há uma valorização da interação com o público no processo de comunicação.

A prática da transmediação foi realçada entre os relatórios; mas, como não é muito comum, os materiais ponderam que ela ainda possui erros técnicos e insuficiências, que podem ser explicadas pela falta de recursos dos meios onde ela foi identificada, como, por exemplo, um canal de televisão de Portugal.

Dentro do circuito da difusão de informação jornalística por meio de várias plataformas, tem-se a defesa de que as empresas de comunicação devem investir nessa prática, pois é a partir da distribuição variada de conteúdo que os veículos terão mais audiência e notoriedade junto ao público - o que, conseqüentemente, vai influenciar na receita da organização. O investimento em recursos humanos, técnicos e físicos, visando a melhoria da produção de conteúdo, foi igualmente defendido como medida para contribuir com o desenvolvimento do jornalismo.

As características do ciberjornalismo elencadas na primeira parte deste estudo, chamadas nos relatórios de “potencialidades”, também foram destacadas. Os materiais afirmam que variados autores reconhecem tais potencialidades como o que distingue o jornalismo online dos meios de comunicação tradicionais, e concordam com a afirmativa. Além disso, enaltecem a união do jornalismo com a internet ao relatarem que o consumo de informações é facilitado não só pela rede como pela crescente utilização de dispositivos móveis, que viabilizam o acesso a qualquer

hora e em qualquer lugar, e de forma gratuita.

Contrapondo tal visão, outros relatórios sustentam que as potencialidades existem entre os veículos de comunicação, mas de forma sutil. Segundo eles, características como interatividade, multimídia e hipertextualidade deveriam ser mais aproveitadas ou exploradas entre as informações, e que a relativa ausência delas acaba levando ao público um conteúdo aquém do que ele poderia consumir.

O alerta sobre a posição do jornalismo na relação com a internet e com a dinâmica de produção e difusão de informações aparece ainda em outras vertentes. Apesar de todos os relatórios reconhecerem que a profissão está em evolução, pois acompanha as inovações em fluxo, um deles sinaliza que o ritmo do jornalismo português junto aos avanços tecnológicos é lento.

O relatório, nesse caso, compara a atividade jornalística de Portugal com a que é praticada nos Estados Unidos, e afirma que o país “está para trás” quando o assunto é estar associado à tecnologia. Nessa comparação, o material também pontua que os veículos de comunicação portugueses não aproveitam de forma satisfatória os benefícios garantidos pela internet, mas ameniza ao lembrar que os meios têm investido em melhorias relacionadas às novas tecnologias.

Outro ponto interessante e já exposto no presente estudo é o reconhecimento de uma crise no jornalismo, bem como a defesa de oportunidades que se abriram à profissão após o surgimento da internet. Um dos relatórios, por exemplo, relata, com base na história de um veículo de comunicação português, que a profissão passou a ser marcada por uma crise estrutural a partir de 1990. A situação crítica também teria ficado evidente na atividade jornalística na primeira década do século XXI, quando Portugal esteve em crise.

Ao mesmo tempo em que reconhece tal crise, o material também confirma que o advento da internet e o contínuo uso e evolução do jornalismo junto à rede levaram a profissão a contar com estratégias que, em um certo momento, a beneficiaram. E, diga-se de passagem, algumas empresas jornalísticas do país tinham chegado a desconsiderar a internet quando ela surgiu no meio social, por não conhecerem o potencial da rede.

Ainda no que tange às oportunidades, deve-se acrescentar que um dos relatórios conclui que

embora os meios digitais tenham levado desafios ao jornalismo, eles garantiram oportunidades que deram fôlego à profissão, tanto para exercer seu papel de informar o público quanto para se manter na sociedade diante de tantos avanços tecnológicos que surgiram. A internet, nesse contexto, aparece como via de uma transformação irreversível na atividade jornalística, e esta é classificada como uma profissão versátil diante dessas mudanças.

Alguns dos conceitos e ideias levantados pelos relatórios foram igualmente discutidos entre as dissertações de mestrado encontradas nos repositórios da UCP e da UNL. O volume de resultados, nesse caso, é um pouco menor, mas contribui com a compreensão da transição do jornalismo de forma tão relevante quanto os materiais anteriores. Seguem abaixo as dez dissertações de mestrado selecionadas:

1. O infográfico informativo no futuro do jornalismo, de Alexandra Miguel Lacerda, publicada em 04 de março de 2015;
2. O jornalismo da era digital: novas práticas e públicos, de Inês Daniela Jesus da Silva, publicada em 10 de março de 2016;
3. Do papel ao digital - a extensão do jornal Expresso para web, de Joana Gonçalves, publicada em 27 de julho de 2016;
4. O jornalismo em Portugal e desafios da Web 3.0, de Rafael Leitão de Paiva Reis, publicada em 28 de julho de 2016;
5. Jornalismo 3.0 e os agregadores de notícias online: novas formas de produção e consumo de notícias em Portugal, de Daniela Filipa Real dos Santos, publicada em 18 de janeiro de 2017;
6. O jornalismo local e as novas tecnologias: O caso português, de Rita Pereira Alves dos Santos, publicada em 27 de julho de 2017;
7. O estado do Jornalismo de Dados no cenário luso-brasileiro, de Isabella Cristina Moura, publicada em 22 de junho de 2018;
8. Jornalismo transmediático: lógicas transmediáticas nas novas práticas jornalísticas - mais que uma história, uma experiência, de Ana Teresa Bispo David, publicada em 18 de julho de 2018;
9. A influência da comunicação digital na decisão e produção jornalística de notícias de desporto. Casos de estudo: o jornal “A Bola” e o jornal “Record”, de Frederico Maria Seruya, publicada em 03 de dezembro de 2019;
10. Os conteúdos informativos no website Correio da Manhã - Ana Carolina Vitorino

Canha, publicado em 2020.

Partindo pela ideia de convergência, tem-se, junto à definição já demonstrada, que a distribuição de informações feita por várias plataformas exigiu que os profissionais de comunicação desenvolvessem outras habilidades, além do que eles já executavam na rotina produtiva jornalística; isto é, eles tiveram que aprender, por exemplo, a usar ferramentas de edição de imagens e vídeos, e a manusear as redes sociais, até então novidades para a época.

O resultado desse aprendizado, entretanto, foram os benefícios que os veículos de comunicação adquiriram com a difusão de conteúdo para o público, tais como a sintonia entre as plataformas, que se complementaram e garantiram a transmissão de uma mensagem mais completa para o espectador ou usuário.

A transmedialização também é explorada entre as dissertações de mestrado. Uma delas traz a noção de que a transmedialização da informação permite integrar e dar voz à audiência, sem que isso interfira na qualidade jornalística. Tal noção valoriza, inclusive, a posição do espectador ou usuário nesse fluxo de informações, defendendo que essa prática atende os interesses do público e desperta a curiosidade do mesmo pelo consumo de mais informações.

Considerando a importância do público na dinâmica de transmissão de conteúdos, é válido salientar que as inovações ajudaram o jornalismo a se desenvolver tanto no âmbito geral quanto no local. Isso quer dizer que não só a atividade jornalística praticada nos grandes centros teve a oportunidade de evoluir com os avanços tecnológicos, mas sim a profissão como um todo.

Em se tratando de dimensão geográfica, não se pode dizer o mesmo do jornalismo de dados. Uma das dissertações analisadas, que traz um panorama do surgimento e da prática do jornalismo de dados no Brasil e em Portugal - abordagem que, inclusive, é similar à desta pesquisa - ratifica que tal prática tem sido mais comum em redações sediadas em grandes cidades, devido, principalmente, ao núcleo de dados existente nesses locais.

Ao discorrer sobre o jornalismo de dados no Brasil, a obra conta que a prática despontou timidamente no país a partir de 1991, mas foi em 2012, quando o ciberjornalismo já estava consolidado e o jornalismo já acompanhava os avanços tecnológicos, que as redações passaram a incluir a base e o tratamento de dados na rotina produtiva jornalística.

O jornalismo de dados, nesse caso, começou a fazer parte da atividade jornalística em uma redação de jornal impresso; para isso, contou com profissionais que usavam técnicas estatísticas, algoritmos e formas visuais de apresentação das informações - o que reforça a relação do jornalismo com a tecnologia.

A dissertação considera, porém, que em Portugal a adesão ao jornalismo de dados foi mais lenta nas redações. Segundo a obra, a prática começou a ser discutida no país entre 2010 e 2014, mas tal discussão ocorreu no meio acadêmico e só mais tarde influenciou a rotina produtiva da atividade jornalística.

O infográfico, um dos elementos característicos do jornalismo de dados, também foi colocado em pauta entre os materiais. O debate, por sua vez, reconheceu a importância do tratamento de dados para a infografia, destacando o infográfico - estático ou interativo - como parte importante desse trabalho, uma vez que ele é uma das ferramentas que extrai informação do dado, facilitando assim a transmissão e interpretação de tal informação pelo público.

Outro assunto que tem a ver com a relação do jornalismo com tecnologia, como mostraram os dois últimos, é a ideia de Web 3.0, que foi trazida em algumas das dissertações. Ao considerar o processo de transição experimentado pela profissão, as obras explicam que a Web 3.0, também chamada de Web semântica ou Web de dados, surgiu para aumentar a eficiência do fluxo de informações existente no meio digital, bem como promover maior interação entre o homem e o computador.

O debate, inclusive, situa o jornalismo de dados nesse contexto, qualificando-o como momento para melhor interação com o consumidor, uma vez que permite uma transmissão de informação que o agrada e que chega aonde ele estiver. No que diz respeito a essa fase, que reflete uma inovação, os materiais dizem que Portugal está atrasado; no entanto, não desenvolvem uma justificativa para essa afirmação.

É importante considerar, nesse caso, a valorização do papel do jornalista. Isso porque tais dissertações também afirmam que o jornalista identificado nesse contexto não é mais um produtor de conteúdos, mas sim um curador. Ou seja, à medida que o jornalismo se adapta aos avanços tecnológicos, o jornalista passa a desenvolver mais habilidades, a executar mais tarefas

e a se tornar um curador de dados.

Vale apontar, por fim, algumas abordagens que, assim como a maioria, entendem que o jornalismo está em um processo de transição, e que tal processo é contínuo porque ele acompanha as inovações que surgem no meio social. Em uma delas, por exemplo, a internet é considerada como parte inerente à atividade jornalística, independentemente da relação estabelecida entre a rede e o utilizador. Já a outra destaca a função do jornalista, alegando que o público prefere ter acesso a conteúdos tratados por ele. E, assim como foi defendido entre os relatórios de estágio, uma das dissertações reforça que as transformações experimentadas pelo jornalismo são irreversíveis.

Observa-se, portanto, que, do livro à dissertação de mestrado, autores sustentam a premissa do processo de transição do jornalismo em Portugal, iniciado após a união da atividade jornalística com a internet e vigorando até hoje. Cada resultado selecionado trouxe, ao reconhecer esse processo, um conceito ou ideia que contribuiu para ampliar o conhecimento acerca das transformações experimentadas pela profissão. Além disso, ajudou no entendimento de que o jornalismo continua em transição, acompanhando os avanços tecnológicos e se adaptando às mudanças - o que é de bastante relevância para esta pesquisa.

5. Conclusão

A partir de tudo que foi apresentado, pode-se afirmar que a transição do jornalismo tradicional para o jornalismo de dados no Brasil e em Portugal começou com a união da atividade jornalística à internet, o que posteriormente consolidou o ciberjornalismo, e seguiu ao longo dos anos, mediante desafios, riscos e oportunidades, até chegar ao jornalismo de dados, prática mais evidente nos dias de hoje.

Entende-se, por meio de conceitos e ideias aqui discutidas, que as características e consequências do ciberjornalismo causaram um grande impacto na profissão, devido às mudanças que provocaram no jornalismo praticado na época. Tais mudanças foram consideradas como anunciadoras de um período de crise, mas o presente estudo vê que, na verdade, elas representaram e ainda representam os desafios e riscos comuns ao caminho de evolução que a atividade jornalística segue e precisa seguir.

Ou seja, as transformações ocorridas no jornalismo com a consolidação do ciberjornalismo, impactaram em um primeiro momento, mas depois continuaram a marcar a história da profissão. Em meio aos desafios e riscos, elas também abriram caminhos, dando a oportunidade para a atividade jornalística se aproximar cada vez mais da tecnologia, e compreender que para que o jornalismo continue a ter um papel significativo na sociedade, como gerador e difusor de informação, ele precisa estar em sintonia com as inovações. Só assim a profissão estará igualmente em sintonia com o meio onde está inserido.

A transição do jornalismo no Brasil e em Portugal, dessa forma, ocorreu de uma maneira similar: partiu, de fato, da consolidação do ciberjornalismo e seguiu experimentando uma série de transformações, influenciadas, principalmente, pelos avanços tecnológicos que surgiam com o passar dos anos. É válido frisar que em nenhum dos dois países a profissão esteve em um acompanhamento simultâneo das inovações. O que se pode perceber é que, depois que compreendeu, com a ajuda do ciberjornalismo, que estar em sintonia com a tecnologia seria importante para sua estabilidade no meio social - e talvez mais que isso, para sua sobrevivência entre as profissões - a atividade jornalística passou a dar mais atenção e a investir em sua evolução, acompanhando, dentro da sua possibilidade e do seu contexto, a tecnologia.

Isso quer dizer que tanto o jornalismo praticado no Brasil quanto o jornalismo exercido em

Portugal seguiram o caminho da transição atentos às inovações, mas de acordo com a realidade em que estavam. Algumas das obras pesquisadas situam o Brasil em uma posição mais à frente, afirmando que os jornais portugueses ainda estão atrasados e refletem uma relação muito aquém do que deveria com a tecnologia. No entanto, o que importa para esta pesquisa é conhecer o contexto brasileiro e português no que diz respeito às transformações experimentadas pelo jornalismo em cada país, e saber, sobretudo, que ambos, guardadas as devidas proporções, se aliaram aos avanços tecnológicos para acompanharem a dinâmica da sociedade e se adaptarem a ela.

Avançando no processo de transição, não se pode esquecer do jornalismo de dados. No rumo da evolução, o jornalismo brasileiro e português acabou “se deparando” com essa prática, e, obedecendo ao que já vinham fazendo, os veículos de comunicação se uniram a ela. Pode-se afirmar então que o acompanhamento da tecnologia levou a atividade jornalística ao jornalismo de dados, no Brasil e em Portugal, e hoje ela faz parte da rotina produtiva da profissão.

Assim como foi explicado acima, deve-se reforçar que o presente estudo não se propôs a mensurar a intensidade ou a dimensão do jornalismo de dados em cada país. Valorizou-se, no caso, o reconhecimento de que a prática do jornalismo de dados é uma realidade nas redações - ou na maioria das redações - do Brasil e de Portugal, e que tal reconhecimento leva à constatação que a profissão não só está em sintonia com a tecnologia como continua acompanhando o que diz respeito a elas.

Mas não só essa constatação compõe o debate acerca desse tema. O presente estudo constatou ainda que a prática do jornalismo de dados tem em um dos seus componentes a curadoria de dados; isto é, a curadoria de dados faz parte da dinâmica do jornalismo de dados, uma vez que tem em sua essência o tratamento dos dados. E é esse tratamento que possibilita que a mensagem do meio de comunicação chegue ao público de forma que ele consiga entender o que está sendo transmitido - nesse caso, uma informação.

Para uma melhor apreensão do que foi dito, vale explicar: dados são números, fatos, eventos ou objetos captados pelos sentidos humanos antes de ser inserido no contexto da pessoa. Já informação é um dado que assume um significado específico no contexto da pessoa, mediante a identificação de fatores como causas, consequências, beneficiados ou prejudicados (Castilho & Coelho, 2014). Então, quando o jornalismo de dados “entra em ação” em uma redação

jornalística, é a curadoria de dados inerente a ele que transforma um dado, que é puro, bruto, em uma informação, que é de fácil acesso e interpretação para quem a consumir.

Esse detalhe, que é fundamental na dinâmica do jornalismo de dados, revela que um dado não transmite uma mensagem antes de ser tratado pela curadoria de dados. Entre as ferramentas utilizadas pela curadoria está o infográfico, que, explorando um caráter mais visual e sendo interativo ou estático, garante um significado ao dado e enriquece o conteúdo a ser transmitido.

Vê-se então que o jornalismo de dados está atrelado à curadoria de dados, a fim de transmitir ao público uma mensagem cada vez mais acessível, clara e interpretável, dada pela transformação do dado em informação. O resultado de tudo isso é o conhecimento, que contribui com a instrução e o crescimento do espectador ou utilizador, e reforça a posição significativa que o jornalismo, mais especificamente o jornalismo de dados e a curadoria de dados, ocupa na sociedade.

Em suma, o Jornalismo de Dados beneficia-se de uma democratização de recursos, ferramentas, técnicas e métodos antes restritos aos especialistas, mas também dialoga com interlocutores que podem ter acesso a tais ferramentas. É nesse sentido que o jornalista de dados pode contribuir, como sugere Bounegru (2012), para a diminuição das barreiras para compreensão e imersão nos dados, promovendo uma alfabetização de dados dos seus leitores (Bounegru, 2012), ao mesmo tempo em que os profissionais da imprensa possam ter formas inovadoras para divulgar dados e notícias (Gehlen & Sousa, 2018 : 129).

Para exemplificar como se dá a relação entre o jornalismo de dados e a curadoria de dados, tem-se uma breve explanação sobre o uso dos infográficos interativos. Esse tipo de infográfico, que é usado no meio digital, dialoga com a pessoa. Ou seja, ao verificá-lo (passando o rato por cima dele, por exemplo), o espectador ou utilizador é munido de informações e detalhes, que ou podem estar no texto da reportagem ou podem estar complementando a abordagem - e é essa riqueza de informações e detalhes que mostram que o assunto abordado não está ali por si só; os dados que o cercam foram tratados e “envolvidos” à reportagem, de modo que ela seja disponibilizada de modo mais completo possível.

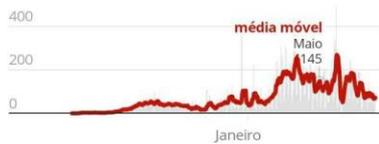
Pode-se observar, nesse caso, os portais de notícia www.publico.pt, de Portugal, e www.g1.globo.com, do Brasil, que mostram usos recentes de infográficos interativos em reportagens que atualizam os números relacionados à pandemia do Covid-19 em cada um dos

países (Figuras 10 e 11).

Sul

Mortes por Covid-19 confirmadas por dia no PR

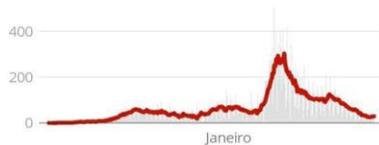
Total de mortes por dia em barras



Fonte: Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados da secretarias estaduais de saúde

Mortes por Covid-19 confirmadas por dia no RS

Total de mortes por dia em barras



Fonte: Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados da secretarias estaduais de saúde

Figura 10: Infográfico sobre mortes por Covid-19 no Brasil (Fonte: www.g1.globo.com)

Evolução dos novos casos diários

■ Média móvel de 7 dias ■ Novos casos diários

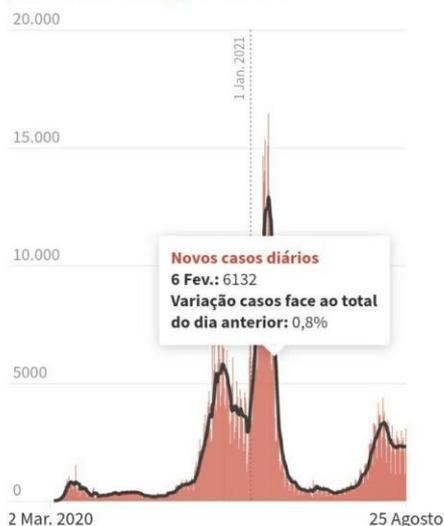


Figura 11: Infográfico sobre número de casos de Covid-19 em Portugal (Fonte: www.publico.pt)

Verifica-se que, no infográfico sobre o número de mortes por Covid-19 no Brasil no estado do Paraná (PR), Sul do país, a interatividade da ferramenta permite que o utilizador tenha acesso a mais dados, como quantidade de mortes e mês em que elas ocorreram; além disso, o próprio

gráfico, em geral, já traz um panorama dos meses, a partir do nível em que se encontra os números de cada um deles.

No infográfico sobre o número de casos de Covid-19 em Portugal, o resultado não é diferente: ele demonstra o número de casos e a data em que os dados foram recolhidos, calculando a porcentagem de variação com relação ao dia anterior, e por meio do gráfico é possível fazer um comparativo entre tais dias.

Ou seja, tanto no infográfico proveniente de uma redação jornalística do Brasil quanto no infográfico oriundo de um meio jornalístico de Portugal, o que se pode ver é que, diante de tantos números relacionados à situação da pandemia nos dois países, o jornalismo de dados recorreu a uma ferramenta - o infográfico - que permite que o público explore, estude e navegue pelas informações disponibilizadas na reportagem, entendendo e interpretando-as de modo a adquirir conhecimento sobre como a pandemia está afetando a região onde ele vive.

Visto isso, confirma-se que a curadoria de dados é fundamental para a atividade jornalística, uma vez que, ao tratar os dados na transmissão de uma mensagem, leva ao público informação, possibilitando que ele tenha acesso a significados e, sobretudo, ao conhecimento. A curadoria amplia assim o valor da notícia, garantindo ao jornalismo a função de gerador de conhecimento (Gehlen & Sousa, 2018). A curadoria de dados também é importante para a atividade jornalística porque vincula a profissão à tecnologia, mostrando que, além de estar inerente à ela, contribui para a formação do que ela é hoje.

O jornalista, por sua vez, pode ser considerado como um curador de dados, pois, uma vez trabalhando junto à curadoria de dados dentro da dinâmica do jornalismo, ele acaba desenvolvendo essa atividade - o que revela mais uma característica do jornalismo de dados, que é o caráter interdisciplinar, já mencionado na pesquisa. “Notícia, jornalismo, curadoria e conhecimento formam um conjunto de fatores associados por uma relação dinâmica e interativa, onde cada um deles influi e é influenciado pelos demais” (Gehlen & Sousa, 2018).

Portanto, vê-se que, ao alinhar a abordagem sobre o processo de transição do jornalismo, e mais especificamente sobre o processo de transição do jornalismo no Brasil e em Portugal, o presente estudo possibilita que o estudioso ou investigador saiba que a profissão tem uma história marcada por uma série de transformações, sendo estas aliadas à tecnologia desde o

momento em que a atividade jornalística se uniu à internet, consolidando o ciberjornalismo.

Em meio a esse debate, o investigador ainda identifica a curadoria de dados como um elemento do jornalismo que é bastante significativo para a sociedade, uma vez que trata os dados, garantindo que ele seja transformado em informação e chegue ao público deixando-o não só informado como com mais conhecimento sobre a mensagem que está sendo transmitida.

Sob essa ótica da geração de conhecimento, pode-se finalizar com a percepção de que o jornalismo e a curadoria de dados, por meio do jornalismo de dados, continuarão a andar juntos, em prol da sociedade. A profissão também seguirá em seu processo de transição, em sintonia com a tecnologia, adaptando-se e reinventando-se, de modo a se manter presente e ativo, seja no Brasil ou em Portugal. Estima-se que, para além da fundamental tarefa de produzir conhecimento e da relação com as inovações, o jornalismo continue a evoluir e que seja cada vez mais valorizado e respeitado no contexto onde estiver inserido.

6. Bibliografia

Almeida, R. C. R. (2015). O jornalismo na era da convergência. (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/19226>

Barbosa, S. A.; Torres, V. (2013). O paradigma ‘Jornalismo Digital em Base de Dados’: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. *Galaxia (São Paulo, Online)*, n. 25, 152-164.

Bastos, H. (2012). A diluição do jornalismo no ciberjornalismo. *Estudos do Jornalismo e da Mídia.*, 1 - 12. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-2013-a-diluicao-do-jornalismo-no-ciberjornalismo.pdf>

Bastos, H. (2014), Da crise dos media ao desemprego no jornalismo em Portugal. *Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da fiam-faam*, v. 2, n. 2, 38-46. Disponível em <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/232>

Belo, N. F. B. (2015). Jornalismo e internet : um potencial por explorar. (Relatório de estágio, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/17849>

Biblioteca Professor Paulo de Carvalho Mattos. (2015). Tipos de revisão de literatura. Disponível em <https://docplayer.com.br/12500538-Tipos-de-revisao-de-literatura.html>

Bonixe, L.(2020). Jornalismo radiofónico e inovação - uma análise à cobertura de acontecimentos mediáticos. *FCSH: CIC. Digital*, 1 - 18. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/107804>

Bonixe, L. (2015). Políticas, práticas e narrativas do jornalismo radiofónico português na Web. *Radio, sound and internet - Proceedings of Net Station Internacional Conference*, 323 - 333. Disponível em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2187

Cabrita, J. F. V. (2017). Jornalismo digital: as práticas de produção dos conteúdos noticiosos

no jornal Observador on time. (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/24072>

Canavilhas, J.; Satuf, I. (2013). Jornalismo em transição: do papel para o tablet...ao final da tarde. *ICI - LabCom.IFP*, 1 - 26. Disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4348>

Canha, A. C. V. (2019). Os conteúdos informativos no website do Correio da Manhã. (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/30993>

Casanova, S. (2014). Marketing na imprensa : os jornais na era digital : estudo de caso do Jornal I. (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/16849>

Costa, M. L. G. (2016). A Crise nos Media e Futuro do Jornalismo na Era Digital: O Caso do Correio da Manhã. (Relatório de estágio, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/19869>

Cristóvão, C. M. (2014). A transmediação de conteúdos jornalísticos : uma análise da SIC Notícias interativa. (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/16770>

Dantas, M. P (2020). Comunidades e rupturas narrativas no jornalismo de realidade virtual. (Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/29921>

David, A. T. B. (2018). Jornalismo transmediático : lógicas transmediáticas nas novas práticas jornalísticas : mais que uma história, uma experiência. (Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/25747>

Baptista, C.; Sousa, J. P. (2020). Para uma história do jornalismo em Portugal. Lisboa: ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/102268>

Estevanim, M. (2016). Processos no jornalismo digital: do Big Data à visualização de dados. (Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil). Disponível em http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_ac2f55f0ccfd1229914cfa0c6471fce6

Faustino, C. (2011). Os impactos dos spillovers de conhecimento derivados das redes de inovação na performance das empresas: a evidência de uma revisão da literatura. (Dissertação de mestrado, Universidade do Algarve, Faro, Portugal). Disponível em <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/3113>

Fernandes, D. L. (2020). O repórter no processo de inovação nos veículos tradicionais de mídia escrita. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, São Paulo, Brasil). Disponível em <https://tede2.espm.br/handle/tede/491>

Ferreira, A. R. S. (2018). Jornalismo digital : o caso NIT. (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/29364>

Filho, A. R. S. (2018). Jornalismo popular na era da comunicação digital : um estudo dos jornais Extra e Agora São Paulo. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, São Paulo, Brasil). Disponível em <https://tede2.espm.br/browse?type=author&value=Filho%2C+Antonio+da+Rocha+e+Silva>

Gehlen, M. A. ; Sousa, J. P. (2018). Jornalismo de Dados em Portugal: um estudo exploratório sobre práticas jornalísticas especializadas. Disponível em https://run.unl.pt/bitstream/10362/63438/1/20190103_ej9_2018_124_138.pdf

Gonçalves, J. (2016). Do papel ao digital: a extensão do Jornal Expresso para a Web. (Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/20528>

Granado, A.; Silva, D. S. ; Vicente, P. N. (2020). Inovação nos media e nas indústrias criativas limítrofes - uma introdução. *Media & Jornalismo*, 5 - 9. Disponível em https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_36_0

Guimarães, A. M.; Fernandes, N. R. (2012). O jornalismo em evolução. *III Seminário de I&DT*

(*IPP - C3i - Comunicações em Congressos*), 1 - 9. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/4152>

Jerônimo, P. (2015) *Ciberjornalismo de proximidade: Redações, jornalistas e notícias online*. Covilhã: LabCom.IFP.

Kaltenbrunner, A. (2018). Journalism in Transition. A matrix to categorize change and innovation. *Journalism Report V Innovation and Transition*, 13 - 31.

Lacerda, A. M. P. C. A. (2014). *O infográfico informativo no futuro do jornalismo*. (Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/17060>

LÉVY, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Mancini, M. C.; Sampaio, R. F (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, v. 11, n. 1, 83 - 89. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?lang=pt>

Mendes, F. A. (2018). *Práticas jornalísticas no meio online. O caso do jornal Público*. (Relatório de estágio, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/61266>

Moura, I. C. (2018). *O estado do jornalismo de dados no cenário luso-brasileiro*. (Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/47623>

Netto, R. S. (2020). *Inovação na mídia tradicional esportiva televisiva: o caso ESPN do Brasil*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, São Paulo, Brasil). Disponível em <https://tede2.espm.br/handle/tede/486>

Pestana, J. V. (2016). *Os desafios na produção de conteúdos no jornalismo online: a newsmagazine Sábado*. (Relatório de estágio, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/20032>

Ponte, C. (2020). O legado de Nelson Traquina no estudo dos media e do jornalismo. *Media & Jornalismo*, v. 20, n. 37, 45 - 58. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/108724>

Ribeiro, N. C.; Resende, F. (2017). O jornalismo convergente e a reconfiguração do trabalho das redações da imprensa portuguesa. *Observatorio Journal*, v. 1, n. 4, 139 - 153. Disponível em <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1165>

Reis, R. L. P. (2016). O jornalismo em Portugal e os desafios da Web 3.0. (Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/20529>

Rodrigues, I. B. (2015). A era do jornalismo digital : o caso do Jornal Expresso que ao semanário juntou uma edição diária. (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/20217>

Sampaio, F. I. P. F. C. A convergência na produção de conteúdos informativos da RTP (2018). (Relatório de estágio, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/27123>

Santos, D. F. R. dos. (2016). Jornalismo 3.0 e os agregadores de notícias online : novas formas de produção e consumo de notícias em Portugal. (Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/21519>

Santos, R. P. A. (2017). O jornalismo local e as novas tecnologias: o caso português. (Trabalho de Projeto de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/24922>

Santos, J. R. N.(2017). A imposição do jornalismo online na era digital: o caso da RTP. (Relatório de estágio, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal). Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/23554>

Santos, S. (2019). Introdução à Indústria 4.0. Santa Catarina: Clube de Autores.

Schwab, K. (2016). A Quarta Revolução Industrial. São Paulo: Edipro.

Seruya, F. M. S. F. M. (2019). A influência da comunicação digital na decisão e produção jornalística de notícias de desporto. Casos de estudo: o jornal “A Bola” e o jornal “Record”. (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/29574>

Silva, F. R. da (2006). Jornalismo digital. Poder, responsabilidade e desafios. *Comunicação e Sociedade*, v. 9 - 10, 161 - 166.

Silva, M. L. S. da; Cavalcante, Z. V. (2011). A importância da Revolução Industrial no mundo da tecnologia. Disponível em https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wp-content/uploads/sites/86/2016/07/zedequias_vieira_cavalcante2.pdf

Silva, A. W. M. da. (2018). Financiamento em projetos de jornalismo nativo digital. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, São Paulo, Brasil). Disponível em <https://tede2.espm.br/handle/tede/440>

Silva, I. D. J. (2015). O jornalismo na era digital: novas práticas e públicos. (Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Portugal). Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/20161>

Tambosi, O. (2005). Informação e Conhecimento no Jornalismo. *Jornalismo e Conhecimento*, v. 2. n. 2, 1 - 8. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2139>

Zamith, F. (2011). A contextualização no ciberjornalismo. (Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal). Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/126988/3/395166.2.pdf>